

PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

A paisagem revela aspectos referentes à história, a cultura e à economia de uma sociedade, estando em constante transformação. Essas transformações podem ocorrer por forças naturais, que costumam levar mais tempo para se consolidarem, ou por interferência humana, que por sua vez são mais rápidas e podem ser vistas como algo negativo.

Entretanto, é possível transformar a paisagem de forma que haja um respeito do artificial para com o natural, em que ocorra uma congruência entre elas. Quando registrado essas mudanças, temos como resultado a história contada daquele povo, refletindo suas vivências, costumes, rotinas, particularidades e valores. Diante disso, vemos como a memória da paisagem é importante para a preservação das diferentes culturas, bem como ela nos auxilia a analisar criticamente o que já foi feito, para não cometermos os mesmos erros.

Dessa maneira, um museu é uma instituição que nos permite a interação, reflexão e socialização do conhecimento. Quando entramos num museu, nos sentimos parte daquela história, como uma memória intelectual e patrimônio da época. O conceito de Museu da Paisagem é novo e pouco explorado, porém podemos dizer que eles incorporam as paisagens tanto quanto estão sendo incorporados por elas. Em Criciúma/SC, não encontramos um equipamento que conte a história da cidade e de sua população, igualmente um espaço de representação cultural e lazer. Assim, propõe-se o Museu da Paisagem de Criciúma, que une a história, a natureza, a cultura e o lazer.

Dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC, podemos encontrar vários TFGs sobre equipamentos culturais, principalmente Centro Culturais. Porém, poucos realmente se aproximam do tema escolhido, e mesmo tendo alguma relação, nenhum possui o mesmo enfoque.

Por isso, abordar esse tema é muito importante e não deve se limitar apenas para dentro da Universidade, e sim se expandir para a população criciumense para que entendam e valorizem a sua própria história, contada através do Museu da Paisagem de Criciúma.

Procura-se trazer um equipamento totalmente novo para a cidade, em que o conceito de “museu” seja desmistificado. Ou seja, mudar o pensamento de que museu é algo monótono e estático, de forma que o público tenha interesse de visitar e revisitar, tendo a liberdade de acesso para quem tiver interesse, indiferente de classe social ou faixa etária.

OBJETIVO GERAL

Elaborar um anteprojeto arquitetônico de um Museu da Paisagem em Criciúma, Santa Catarina, como forma de registro das transformações da mesma no município.

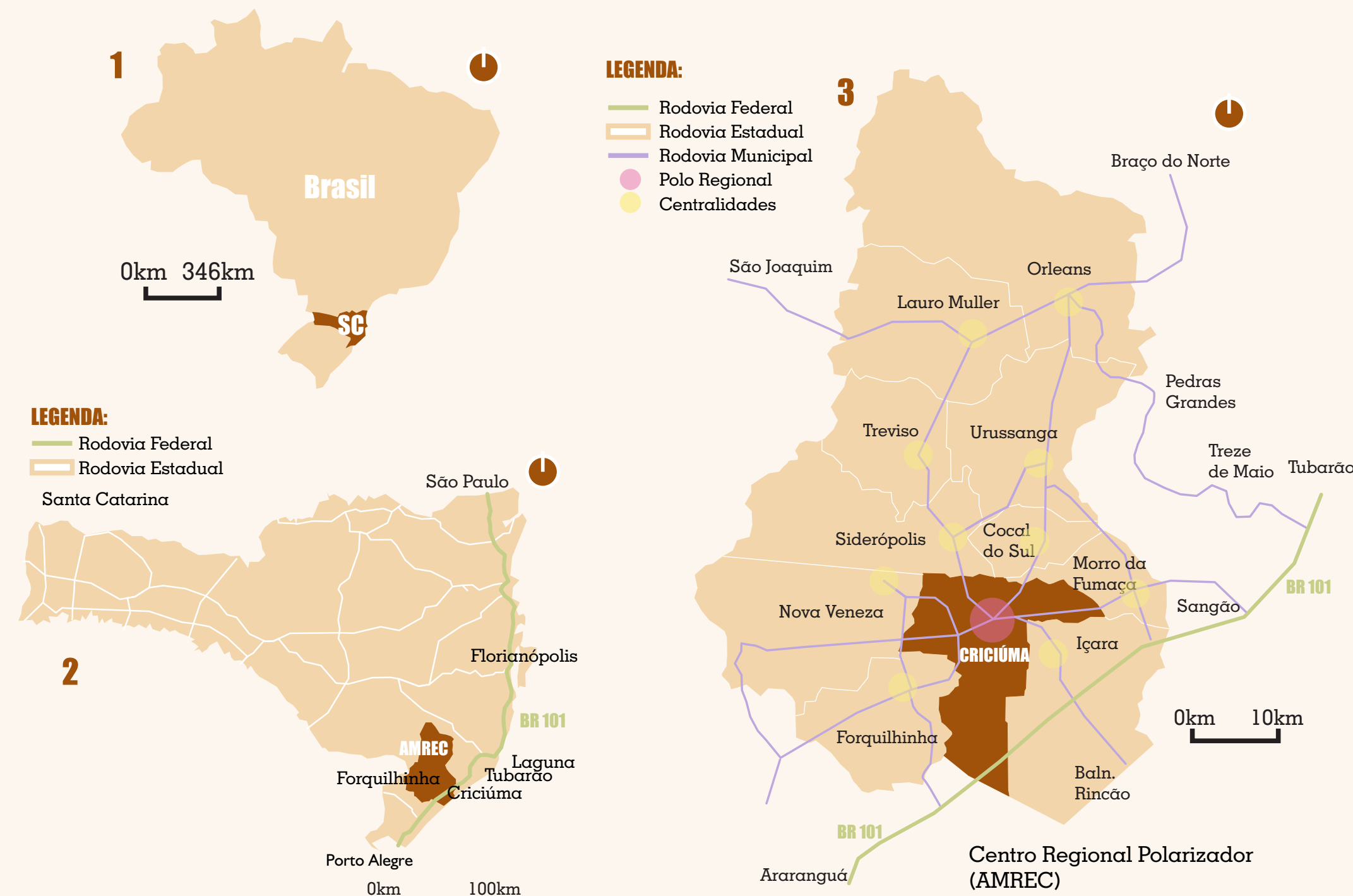
OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 Entender a dinâmica dos espaços culturais existentes na cidade de Criciúma/SC, como forma de potencializar as possibilidades na implantação de um Museu da Paisagem;
- 2 Integrar a relação do homem com a natureza, com o intuito de mostrar como a cidade se desenvolveu e dar uma visão de como poderá ser o futuro no âmbito ambiental;
- 3 Buscar referências de museus que promovam atividades interativas em seu percurso como forma de envolver e chamar a atenção do público;
- 4 Dar continuidade no partido arquitetônico desenvolvido no TFG I, como base para o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico em TFG II de um equipamento cultural que apresente a história da cidade através da evolução da paisagem.

ANÁLISE DO MUNICÍPIO

LOCALIZAÇÃO

Criciúma é um município situado no estado de Santa Catarina, a 200 km da capital Florianópolis, localizado no sul do Brasil. Possui, conforme o IBGE 2018, uma população estimada de 219.393 mil habitantes com uma área total de 234.865 km². É uma das principais cidades da Associação de Municípios da Região Carbonífera (AMREC), configurando um polo regional atrator tendo sua economia diretamente ligada à estrutura da cidade.



CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

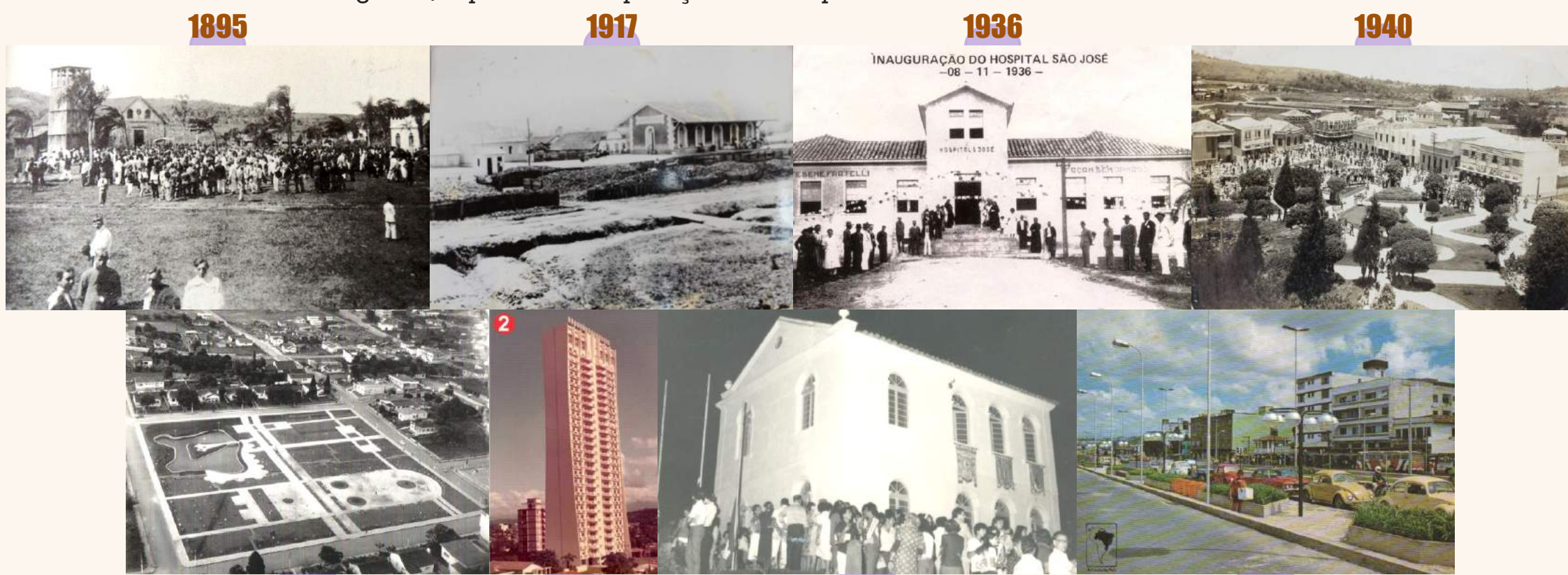
A HISTÓRIA DE CRICIÚMA ATRAVÉS DA PAISAGEM

Em 1880, imigrantes italianos davam início a colonização de Criciúma. Sua formação inicial foi em torno do leito do Rio Criciúma, em função das facilidades que o rio proporciona. A primeira transformação marcante da paisagem, foi a capela de madeira construída no ano de 1895, e que, anos depois, foi substituída por um templo de alvenaria com dimensões maiores, finalizado em 1917. A igreja estava localizada na Praça Nereu Ramos, projetada para ser a maior praça da cidade. Nesse período, o carvão já era explorado e comercializado para cidades próximas, o que levou a construção da ferrovia, chamada de Estrada de Ferro Tereza Cristina.

Outro momento marcante, foi a construção do primeiro hospital de Criciúma, o Hospital São José, inaugurado em 1936. Quatro anos após, a cidade ganhava seu primeiro cinema, chamado de Cine Rovaris, localizado na Praça Nereu Ramos, sendo uma grande paixão da população da época.

A Praça do Congresso surgiu em 1946, por conta do Congresso Eucarístico Nacional em Criciúma, sendo adicionado posteriormente o lago, a arborização e o parque infantil. Por ser uma cidade com forte influência católica, outro ponto marcante da cidade é a Igreja de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros. Foi construída em 1960, no bairro com o mesmo nome, antes denominado Vila Operária.

Nos anos 70, com a crise do carvão, os trilhos deram lugar ao que hoje é a Avenida Centenário, ponto marcante na paisagem da cidade até os dias de hoje. Alguns anos depois, em 1996, os três terminais de ônibus – Próspera, Centro e Pinheirinho – foram interligados, expandindo a operação do transporte urbano na cidade.



Um dos poucos equipamentos culturais da cidade, o Museu Histórico Augusto Casagrande, foi construído em 1920. Só após 1978, quando o casarão foi doado pela família Casagrande, ele se tornou um museu, que hoje é tombado como patrimônio histórico.

O Paço Municipal Marcos Rovaris também tem grande importância para a paisagem da cidade, uma vez que foi inaugurado em 1981 em comemoração ao centenário de Criciúma, hoje abrigando a prefeitura.

Conforme os anos foram passando, diferentes elementos foram surgindo e, com isso, marcando a paisagem da cidade. Quando os colonizadores chegaram em Criciúma, a vegetação era a principal referência. Com a construção da primeira igreja e a praça que a cerca, a natureza foi virando coadjuvante. Anos depois, por volta dos anos 70, com o processo de verticalização da cidade, edifícios como o Comasa, o Lúcio Cavaler e o União Turismo Hotel viraram pontos marcantes para a população. Hoje, Criciúma é marcada por uma paisagem que mescla esses elementos construídos com a vegetação nativa ou em estágio de regeneração.

ANÁLISE PARA A ESCOLHA DO TERRENO

MORRO CECHINEL

O Morro Cechinel está dentro da APA (Área de Proteção Ambiental) do Morro Cechinel, segunda maior APA do município;

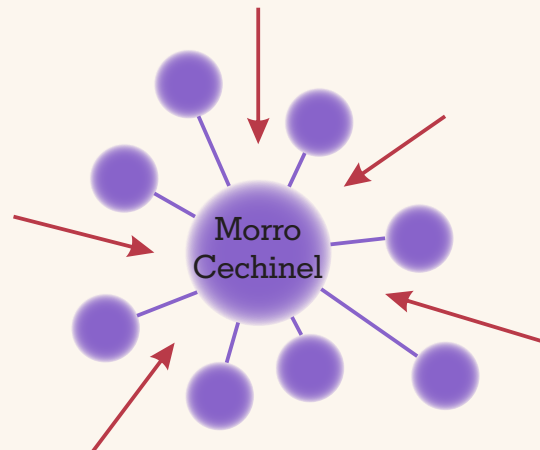
Popularmente conhecido como Morro da TV, é o ponto mais alto da cidade, com 260 metros de altura;

Existe um projeto da Prefeitura de Criciúma para a construção de um mirante, devido a visão panorâmica privilegiada da cidade;

A área no passado foi altamente minerada, sendo que atualmente a mata já cobriu grande parte das bocas de minas;

O corredor verde da APA do Morro Cechinel abriga mais de 80 espécies de aves confirmadas e uma dúzia de espécies de mamíferos confirmados.

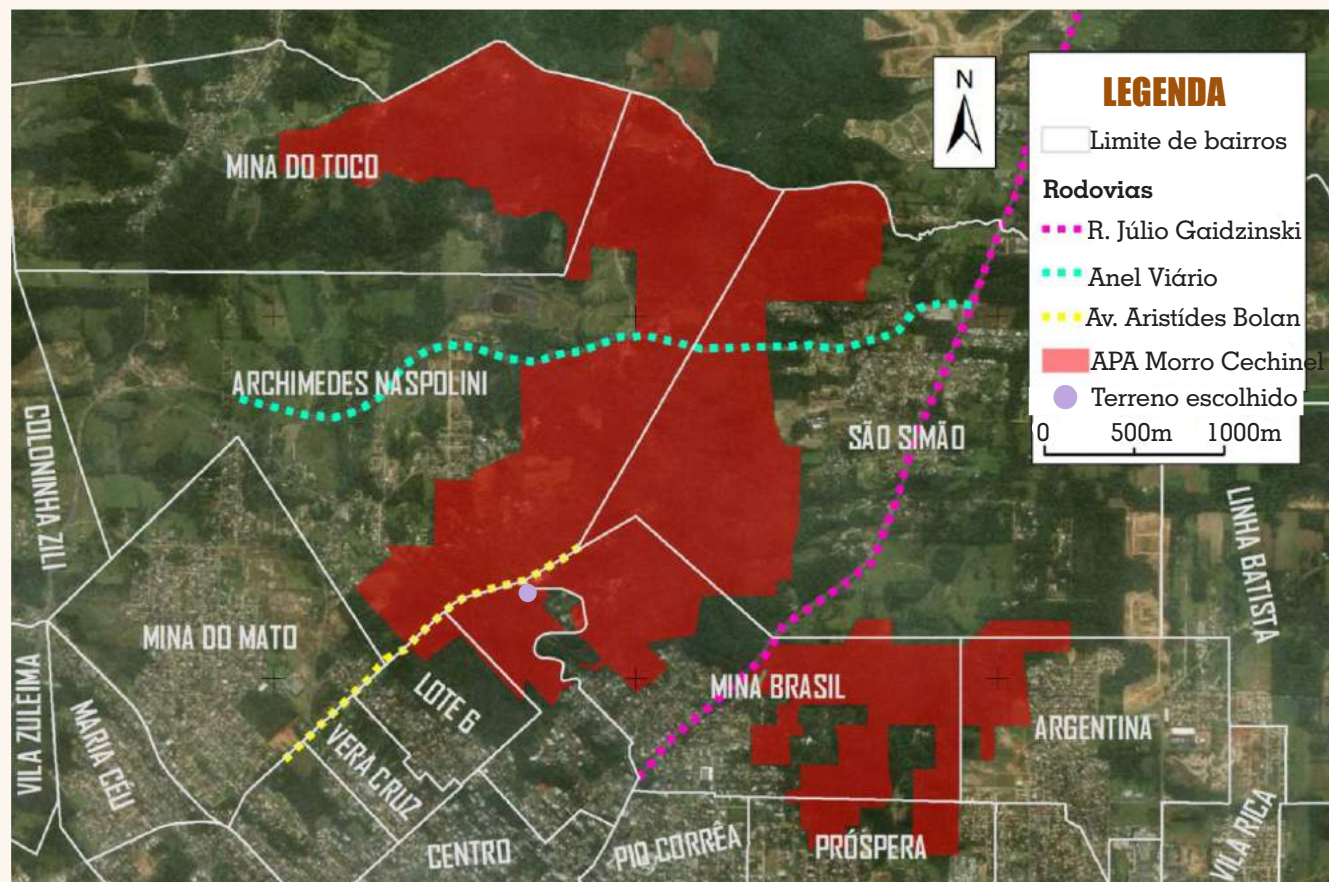
ESQUEMA DO MORRO CECHINEL “ATRAINDO” COMO CAMPO VISUAL A PARTIR DE DIFERENTES LOCALIDADES



O Morro Cechinel, por ser o ponto topográfico mais elevado de Criciúma, está em destaque na paisagem da mesma. É possível identifica-lo e usa-lo como referência através de vários pontos, tanto de dentro da cidade como também em municípios vizinhos, como por exemplo no Morro da Fumaça.



Mancha Urbana de Criciúma com destaque para o Morro Cechinel.



Mesmo com as controvérsias de construir em uma APA, o projeto de um museu levará vitalidade para a região, que, sem isso, pode cair no esquecimento da população. Será incentivado o uso do Museu para oficinas e aulas de Educação Ambiental, o que é muito importante para que a fauna e a flora do Morro Cechinel e também do município como um todo sejam conhecidas e, como consequência, preservadas.

O TERRENO

Após visitas ao local, foi escolhido um terreno que unisse todas as características consideradas essenciais para o projeto. O lote em questão fica localizado na Rua Honório Búrgio, próximo à Avenida Aristides Bolan. Existe uma edificação no local que já passou por diversos usos, e atualmente funciona um restaurante. Por ser um local privilegiado pelo fato de estar dentro de uma APA, entendemos que o uso tenha que ser público, para que a população se beneficie. Porém, vale salientar que não será desmatada nenhuma área para a realização do projeto, pelo contrário, permitirá o avanço regenerador da natureza que ocupará os vazios intencionalmente deixados.

Outro ponto levado em consideração será o tratamento de água e esgoto, uma vez que a edificação está em uma área de preservação. Serão utilizados os conceitos da arquitetura verde para o projeto.

As imagens ao lado foram tiradas no dia da visita, e mostram pontos marcantes da paisagem de Criciúma, como por exemplo o Morro do Céu, o Edifício Lúcio Cavaler, o Edifício Metropolitan, o supermercado Bistek, o terminal Central, a descida da Rua Hercílio Luz, entre outros.

EQUIPAMENTOS NO ENTORNO



Por se tratar de uma APA, as áreas que circundam o terreno são pouco utilizadas para a construção. Assim, o entorno foi analisado dentro de um raio de 1 km, para que mais equipamentos fossem levantados. Observa-se que nas beiras da APA, onde a topografia é menos acentuada, a cidade já avançou, tendo pequenas centralidades.

Dentro do raio de 1km, temos os seguintes equipamentos:

- 1 Radio Atlântida FM / NCS TV;
- 2 Vila Olímpica;
- 3 Centro de Convivência da 3a Idade;
- 4 Hospital São João Batista;
- 5 Capela São João Batista;
- 6 Salão de Festas Mina Brasil;
- 7 Mina Modelo Octávio Fontana;
- 8 Comércio Local;
- 9 Centro Comunitário Maria Zanetti;
- 10 Quadra de esportes;
- 11 Capela São Francisco de Assis;
- 12 Escolas (Lote 6 e Mina Brasil);



2/9 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O QUE É PAISAGEM?

O conceito de paisagem varia conforme as disciplinas científicas e o senso comum, porém há parâmetros equivalentes entre essas definições que delimitam o tema. Como exemplo disso temos a sociedade oriental e a ocidental, que de acordo com a distinção geográfica e cultural, desenvolveram suas noções de paisagem sobre fundamentos diferentes.

Até o século XX, aproximadamente, em todas as civilizações, o conceito mais elaborado de paisagem era associado à arte e aos jardins, sendo um assunto para poucos. No ocidente, o primeiro termo para designar paisagem foi a palavra alemã *landschaft*. Na Europa, a intervenção humana para organizar a natureza era conhecida como “arte dos jardins”, e consistia principalmente em uma representação gráfica da paisagem, posteriormente identificada como “paisagismo” (MAXIMIANO, 2004, p. 85).

No Congresso da União Geográfica Internacional – UGI, em Amsterdã, em 1938, surgiu a necessidade de uma definição clara do que fosse paisagem, uma vez que era evidente a dificuldade de aplicar conceitos de paisagem à prática ou à uma finalidade concreta.

Em 1971, a Organização para Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas – Unesco, definiu a paisagem como “a estrutura do ecossistema”. O Conselho Europeu diz que “o meio natural, moldado pelos fatores sociais e econômicos, torna-se paisagem, sob o olhar humano”.

1.2 A HISTÓRIA DA PAISAGEM

Desde o início dos tempos, a noção de paisagem está presente na memória do ser humano, mesmo sem a elaboração do conceito em questão. Podemos perceber isso nas pinturas rupestres (30 mil a 10 mil anos a.C.), que retratavam a paisagem de acordo com a percepção de quem estava ali pintando. As pinturas rupestres da França (Lascaux) e norte da Espanha, são consideradas as primeiras concepções conscientes do ser humano, a respeito da paisagem. (JELLYCOE y JELLYCOE, 1995, apud MAXIMIANO, 2004, p. 84).

Em 2500 a.C., com os povos da Mesopotâmia, a relação com a paisagem era de precaução com o desconhecido, sendo ele outros povos ou forças naturais. Por isso, o conhecimento da realidade definia como a paisagem era vista, o que ocorre até hoje em dia, porém com valores econômicos, estéticos e religiosos diferentes.

Na região dos rios Tigres e Eufrates e posteriormente nos jardins de influência moura na Espanha, a paisagem era apresentada unindo o utilitarismo e a estética, através da escolha de elementos benéficos de um ambiente silvestre considerado hostil na maioria das vezes.

Já em Roma, as construções arquitetônicas, como os parques públicos, eram postas em evidência, deixando de lado a vegetação e os animais. Isso se estendeu até a Idade Média dos feudos, onde as cidadelas eram fechadas, abrigando espaços como jardins, hortas, pomares, áreas de meditação e lazer.

Enquanto na antiguidade ocidental a natureza era vista com certa oposição ao homem, na cultura oriental era tido a natureza como um sistema vivo, do qual o ser humano fazia parte. Na China, os bosques primitivos eram frondosos, com inúmeras espécies e flores e com um solo fértil, o que fez com que os chineses tivessem uma percepção amena sobre a paisagem, influenciando seus pensamentos e filosofias.

A partir da Renascença, na França, surgiu o termo *paysage*, que se aproximava ao *landschaft*, e era associado à estética. Os chamados jardins “à francesa” eram organizados com marcas de unidades e grandeza, buscando a simetria. Em torno do eixo principal, ficavam a natureza civilizada, e conforme iam se afastando, passavam pela rústica até chegarem na selvagem, mais ao exterior.

Por volta do século XIX, no Brasil, a concepção e paisagem foi influenciada pelas escolas francesas e alemãs de geografia, sendo resultado das relações históricas do Velho e Novo Mundo.

Para os geógrafos, há um consenso de que a paisagem resulta da relação entre elementos físicos, biológicos e antrópicos, sendo que não é apenas natural uma vez que inclui a existência humana. De acordo com Santos (2014, p.67-68), geógrafo brasileiro, paisagem é “tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”

Muitos também davam como sinônimos paisagem e região. É fato que, em tempos bastante remotos, a geografia correspondente a cada grupo seria a explicada pela própria ação do grupo, e a paisagem e a região estavam diretamente associadas. Essa ideia persistiu no espírito dos geógrafos europeus até o fim do século passado. (SANTOS, 2014, p.69).

A paisagem é responsável por registrar vários aspectos que representam a sociedade. Nesse sentido, o conceito de paisagem amplia-se, na medida em que não se limita a uma divisão geográfica. Ela revela aspectos referentes à história, à cultura e, entre tantos outros aspectos, à economia de uma sociedade.

Para Bertrand (1972, p.1 apud MAXIMIANO, 2004, p. 88), não seria simplesmente a junção de elementos geográficos que resultaria em uma paisagem, mas a combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana.



Pinturas rupestres em Lascaux. Fonte: Dicas Europa.



Ilustração moderna de Tebas, mostrando a cidade e o Templo de Luxor em destaque. Fonte: Apaixonados por História.



Patio de los Naranjos, em Sevilha, Espanha. Fonte: Parrotas.



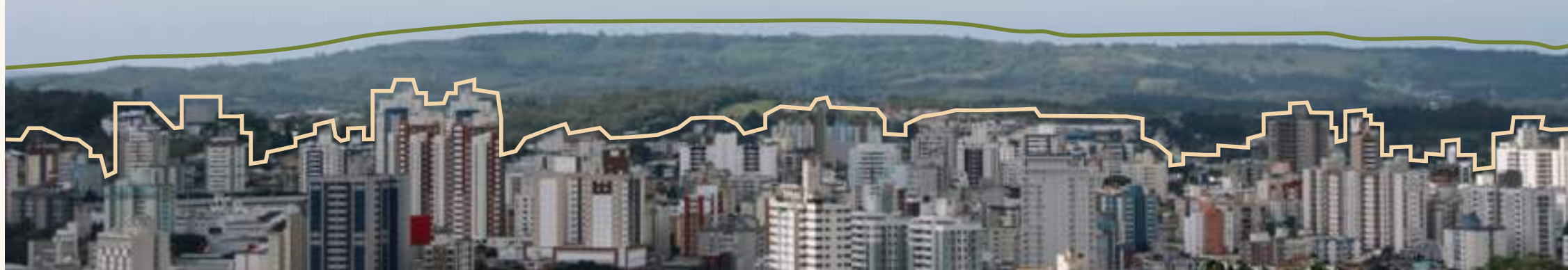
Ilustração de cidade na Idade Média. Fonte: Blog da Arquitetura.



Fotografia do Monte Fuji com flor de cerejeira, Japão. Fonte: Reggie Pen.



Ilustração do Palácio de Versalhes, França. Fonte: Paisagismo Brasil Blog.



1.3 A PAISAGEM NATURAL E ARTIFICIAL

A **paisagem artificial** é a paisagem transformada pelo homem (estradas, edifícios, pontes, portos).

A **paisagem natural**, em resumo, é aquela que ainda não foi mudada pelo esforço humano, que remete à natureza (serra, mar, cascatas).

Antigamente, a maior parte das paisagens eram naturais. Porém, com o passar dos anos, elas foram ficando cada vez mais escassas devido a exploração humana. Hoje, os poucos fragmentos de paisagens naturais existentes são alvos de preocupação, pois muitas delas são objetos de interesses econômicos e políticos.

A paisagem como um todo é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. [...] Quanto mais complexa a vida social, mais nos distanciamos de um mundo natural. (SANTOS, 2014, p.71).

ARQUITETURA DE MUSEUS

2.1 EQUIPAMENTOS CULTURAIS

De acordo com Santos (2016, p.12) equipamento cultural

designa organizações culturais das mais diversas tipologias como teatros, cinemas, bibliotecas, arquivos, galerias, espaços polivalentes, salas de concerto, museus, dentre outros. Ainda serve de sinônimo para termos como casa de cultura, espaço cultural, complexo cultural, conjunto cultural, centro de cultura ou ponto de cultura. Em sua abrangência, o conceito ajuda a pensar as similaridades e complementaridades deste conjunto tão diverso. Sua adoção relaciona-se com o propósito de identificar pontos de convergência entre estas diferentes tipologias e de lhes permitir uma ação cooperada e estratégica em relação aos territórios com os quais interagem. Um equipamento cultural é um ponto de encontro entre artistas, técnicos do espetáculo e gestores; entre artistas e público; entre público e obra artística e, finalmente, entre todos estes e a cidade em si.

Esses equipamentos têm a função de promoverem ações culturais do ponto de vista artístico, estimularem o aprendizado, valorizarem as expressões e representações de cada cultura, inserirem práticas culturais no cotidiano dos cidadãos, servir de extensão do espaço público, influenciando na construção de valores na sociedade.

Do ponto de vista econômico, os equipamentos culturais podem mobilizar a cadeia produtiva, associando-se ao turismo e ao comércio, abrangendo conceitos da economia criativa. Outro ponto importante é a visão política, que analisa os equipamentos como decisivos no processo de desenvolvimento territorial.

Neufert (1976, p. 412) cita “Museus”, especificando as salas de exposições, atribuindo a elas a função de proteger os objetos artísticos ou científicos da destruição, roubo, fogo, humidade, desidratação, Sol e poeira, além de exibi-los nas condições de luz mais favoráveis.

O autor diz também que as obras expostas devem poder ser observadas sem dificuldade, sendo assim necessárias salas grandes, podendo ser subdivididas. Outra orientação é que cada parede exponha apenas um quadro, e pode ser dimensionada de acordo com o tamanho da obra, para melhor aproveitamento de espaços. A parede do museu deixa de ter realidade material, espessura que contém “janelas”, para se transformar em “fundo” neutro que ressalta objetos autônomos.

Para Kiefer (2000, p. 14-24), os museus podem ser classificados de três maneiras diferentes de acordo com os períodos históricos em que estão inseridos, como citados a seguir.

2.2 MUSEUS NACIONAIS

Criados em resposta à crescente demanda de participação nos negócios do estado por uma burguesia ascendente, são caracterizados pela arquitetura de palácios na sua primeira forma de expressão. Um exemplo disso é o Museu do Louvre, em Paris, que foi transformado em museu e antes era parte do palácio do governo da França. Os museus passaram a ocupar edifícios públicos existentes, de preferência os palácios que se encontravam carregados de obras de arte.

Os primeiros projetos de museus são apenas intenções teóricas, ou seja, não possuem vínculo com encomendas efetivas. Eles não tinham tradições suficientes para gerar um conhecimento sobre suas necessidades programáticas, porém era claro a importância que estavam tendo na época de sua ascensão.

1.4 A PAISAGEM E A CULTURA

Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas. (SANTOS, 2014, p.70). Ou seja, a paisagem está diretamente ligada às diferentes culturas, uma vez que, independente de ser natural ou artificial, a paisagem de determinado local dirá muito sobre a população existente ali, como esses dois meios se relacionam. Em outras palavras, a forma como ela se apresenta indica costumes e valores dos seus habitantes.

Vale ressaltar que a paisagem cultural está relacionada com a paisagem artificial, uma vez que essa possui influência do homem, por menor que seja. É importante notar que a paisagem cultural de uma cidade pode ser assinalada pelos locais em que são transmitidas a identidade cultural e histórica do povo que ali vive.

Em seu sentido lato, os museus são tão antigos quanto a própria história da humanidade. Pode-se considerar que eles existem desde que o ser humano começou a colecionar e guardar, para si ou seus deuses, objetos de valor em salas construídas especialmente para esse fim. A palavra *museu* tem origem antiga, provém do grego *Museion*, e significa “santuário dos templos dedicados às musas, que recebem doações, ex-votos, oferendas...”. (GIRAUDY, 1990 apud KIEFER, 2000, p. 12)

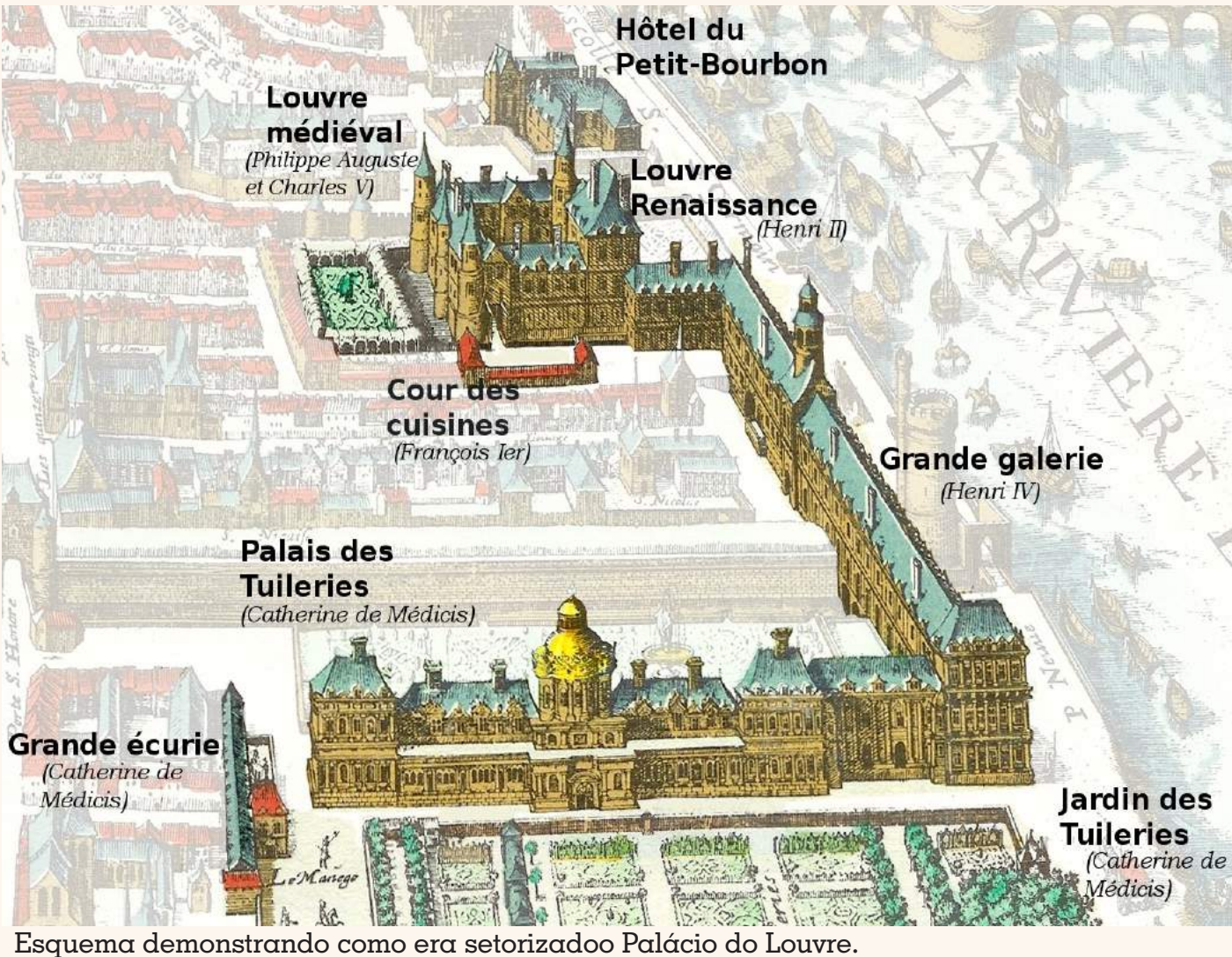
É no livro de Durand (1819) que os museus ganham um verbete com alguns desenhos. Segundo ele, os museus deveriam ser construídos dentro do mesmo espírito das bibliotecas, ou seja, um edifício que guarda um tesouro público e que é, ao mesmo tempo, um templo consagrado aos estudos (KIEFER, 2000, p.13).

No século XX, os museus se tornam um fenômeno, não se limitando mais à população mais favorecida. Passaram a ocupar edifícios públicos existentes, de preferência os palácios que se encontravam recheados de obras de arte.

Atualmente, os museus adquiriram uma nova importância econômica e social, tornando-se uma das formas de cidades e países se incorporarem nas rotas turísticas internacionais.



Esquema de organização de um museu por Neufert.



2.3 MUSEU MODERNISTA

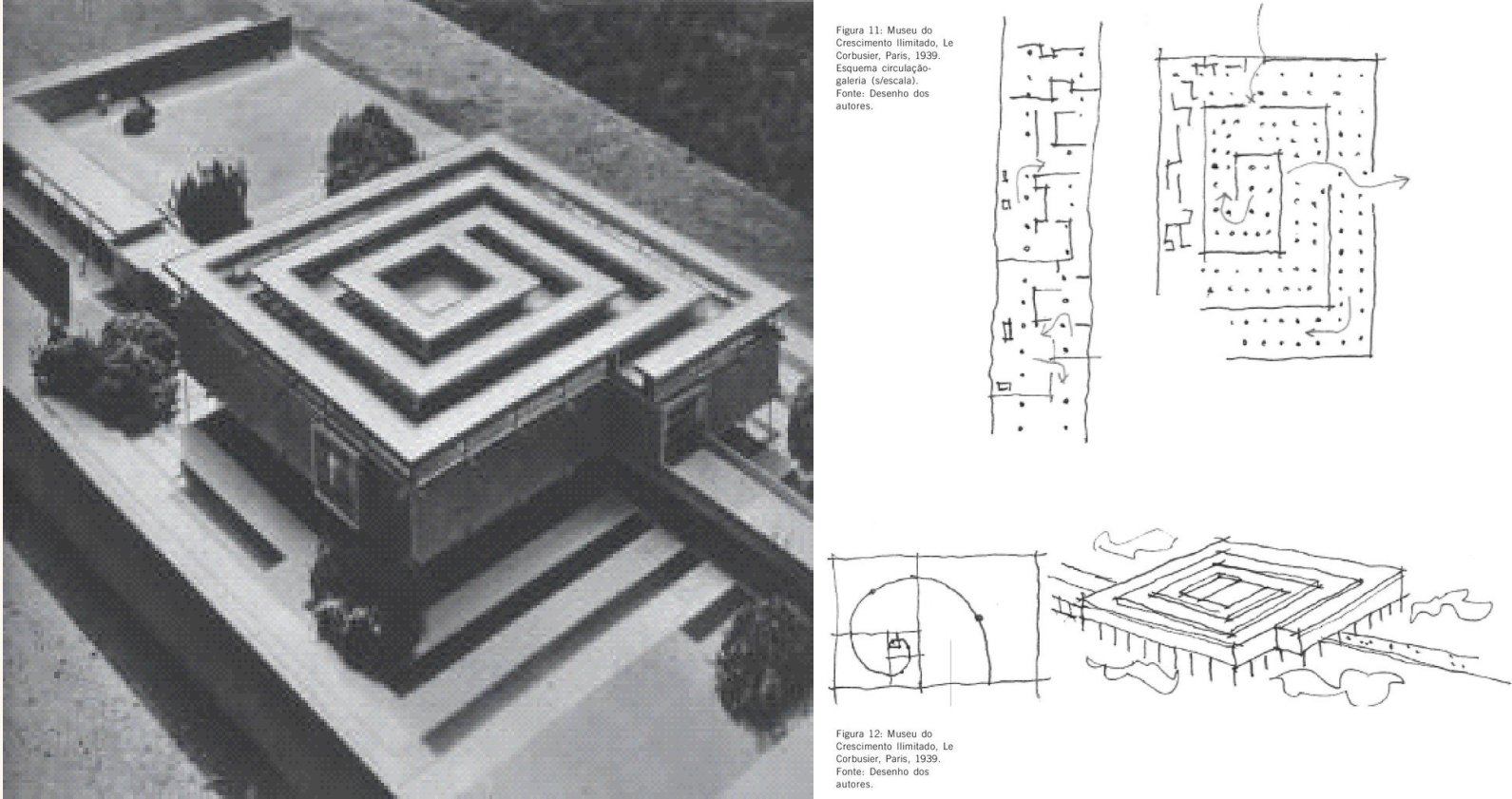
Junto com a arte moderna, surge a relação entre o artista-museu-espectador. As ideias modernistas na arquitetura de museus vão aparecer pela primeira vez quando Le Corbusier projeta o Museu Sem Fim em Paris.

Os museus nacionais eram considerados lugares conservadores que causavam uma má impressão para os modernistas. Lúcio Costa, em 1926, escreveu em uma carta:

“Levei dias para me acimtar com o Louvre. Que mundo, que inestimável tesouro. Pena é ser tão francamente museu - prefiro apreciar as obras de arte em palácios ou antigos hotéis. É menos catalogado, menos arrumado, empilhado. Por maior que seja o prazer que se tenha de ver cada quadro de per si, o conjunto, assim em massa, amontoad, cansa, aborrece. A vizinhança destrói, a quantidade desvaloriza... E os velhos guardas que se arrastam naquela atmosfera de catacumba, de coisa morta...” (COSTA, 1995 apud KIEFER, 2000, p. 18)

Em resumo, eram considerados lugares cansativos, pesados e meramente instrutivos.

Foi nesse período que os conceitos de acessibilidade foram pensados, todos tinham direito de acesso aos museus. Além disso, outra alteração importante foi a simplificação dos espaços internos: a fluidez e a transparência são as marcas desse período. O conceito por trás dos museus também tinha mudado, eles eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar, independente do acervo exposto. Foi então adicionado restaurantes, lojas, parques, jardins e outras funcionalidades que contribuam para esse programa. A presença da estrutura, muitas vezes de forma crua e brutalista, assegurando a possibilidade de grandes plantas livres e propiciando o controle da iluminação natural, quase sempre por sheds, vai ser uma das grandes marcas desse período.



Maquete e esquemas conceituais representando o Museu Sem Fim, de Le Corbusier.

2.4 NOVOS MUSEUS

Atualmente, os arquitetos têm bastante liberdade para proporem diferentes soluções para seus projetos de museus. Independente do estilo adotado, o que os une são as circulações internas e principalmente a preocupação na inserção da paisagem urbana. Uma referência importante dessa terceira fase dos projetos de museus é o trabalho de James Stirling para a Neue Staatsgalerie em Stuttgart, na Alemanha. Inaugurado em 1982, o destaque do projeto vai para a maneira que é inserido na cidade, formando um verdadeiro caminho de ligação entre dois setores da cidade. Os espaços abusam do ecletismo, das citações, ironias e humores.

A junção dos conhecimentos sobre a conservação de objetos em museus criou a “ciência museológica”, que foi um ponto marcante para esse período. Assim, os museus deixam de ser simples galerias de exposição e passam a ter um programa muito mais complexo, com a substituição das antigas galerias por um espaço flexível, com a excelência dos métodos de conservação, exibição e iluminação dos objetos e com o papel urbano que assumem, como monumento e lugar de arte.



Neue Staatsgalerie.

Entende-se que a percepção do espaço museológico mudou ao longo dos anos. Museus antigos eram mais contemplativos, e, conforme os anos foram passando, a interação entrou como papel fundamental na composição do equipamento.

Outra mudança significativa, foi a preocupação com a inserção da paisagem, unindo o projeto do museu com o local onde está inserido.

Mesmo que o museu no seu processo dinâmico de circulação, explore elementos ou situações da paisagem urbana, esses sempre vão estar atrelados à um conceito cultural, econômico, etc.

3/9 PARTIDO ARQUITETÔNICO

IMPLANTAÇÃO GERAL

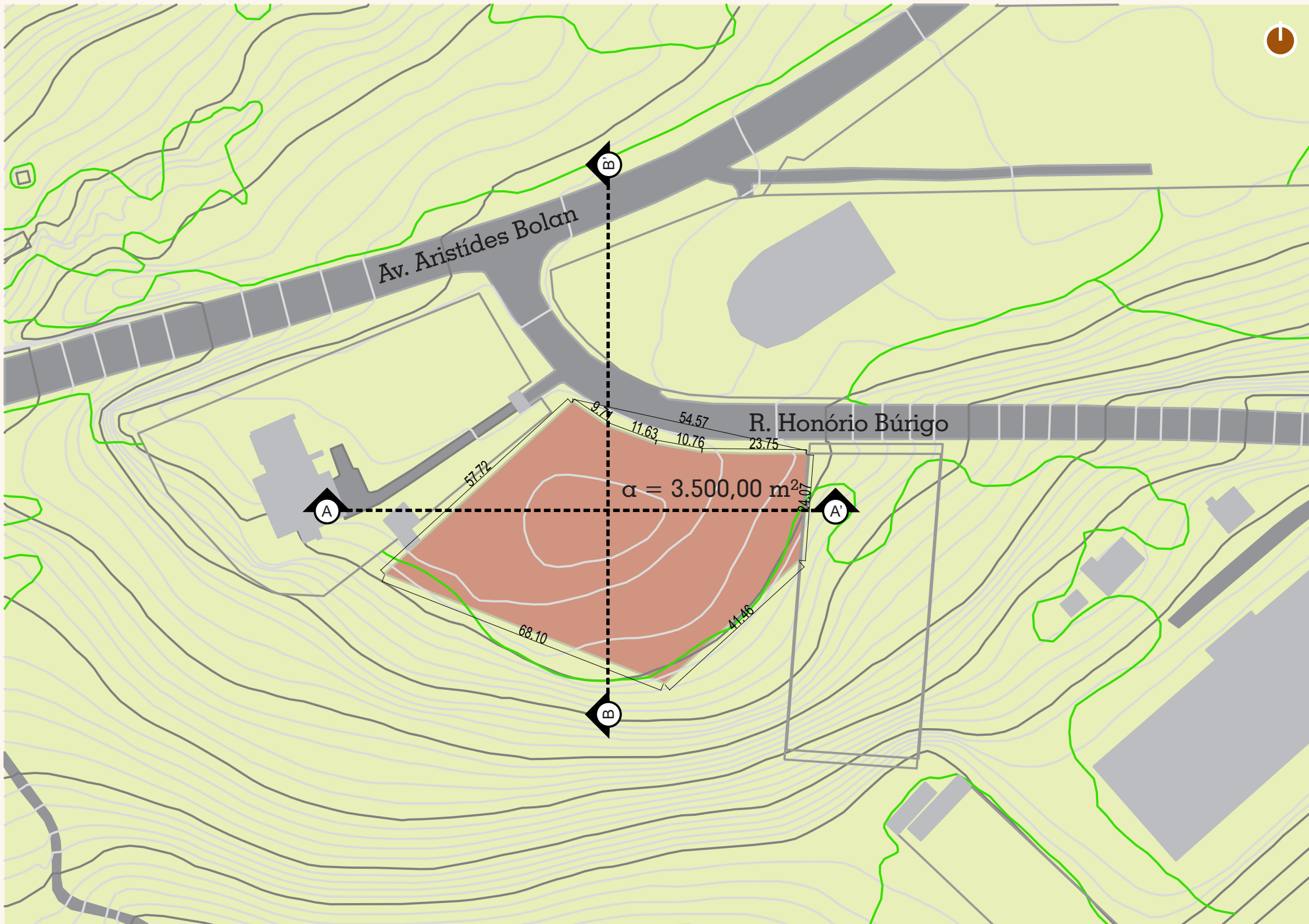


LEGENDA:

Av. Aristides Bolan
Rua Honório Búrigo

Residência unifamiliar
Lote Museu
Igreja Conectar
Vila Olímpica

Sem escala definida.



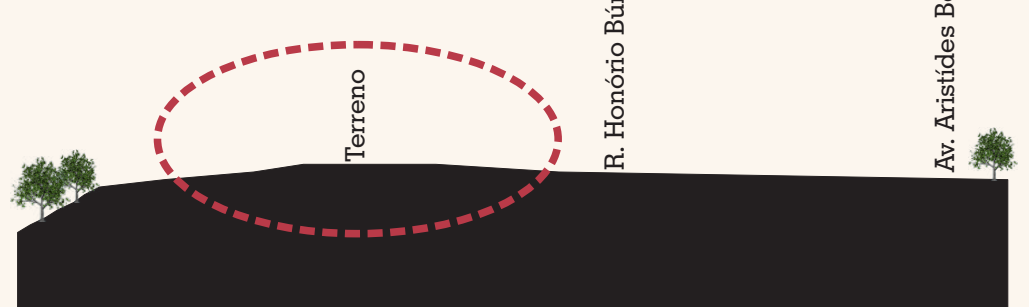
LEGENDA:

Terreno escolhido
Curva mestra
Curva intermediária
Vegetação
Edificações existentes
Vias

Esc.: 1/1000



CORTE AA'
Esc.: 1/1000



CORTE BB'
Esc.: 1/1000

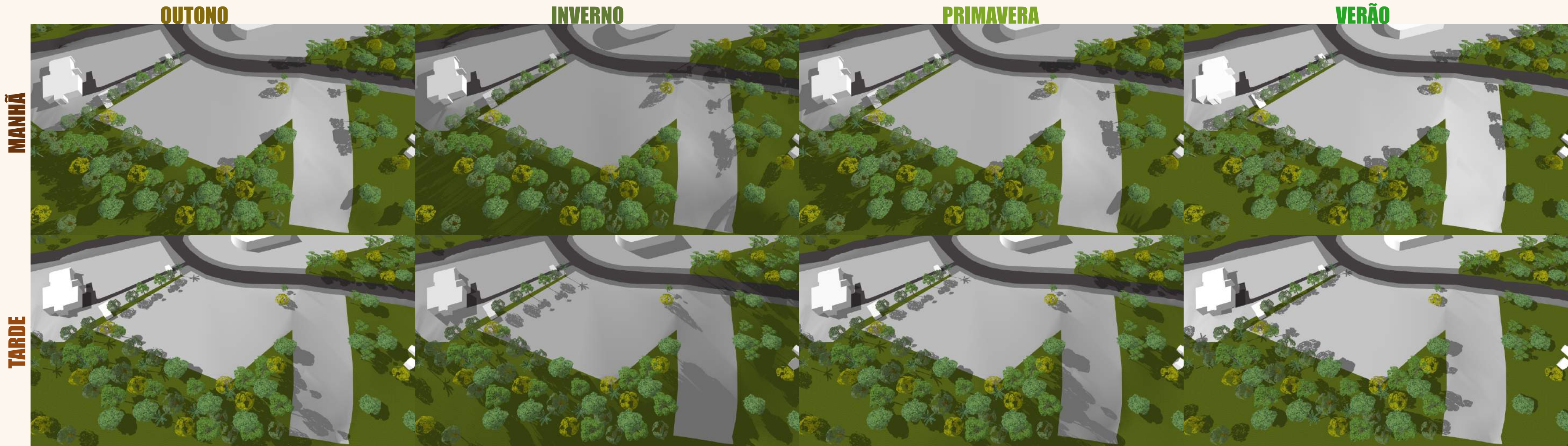
Os cortes ao lado mostram que apesar de o terreno estar localizado no ponto mais alto de Criciúma, a topografia do mesmo é consideravelmente plana. No lado Sul do terreno, junto com a massa de vegetação, é onde as curvas de nível começam a ficar mais juntas, ou seja, com um declive maior.

A ideia inicial da forma da edificação se deu justamente pelo limite da linha formada pela vegetação natural presente no terreno. Nela é possível identificar um formato mais curvo, que por sua vez acompanha a direção das curvas de nível.

A identidade de um edifício deve-se ao caráter de recomposição do lugar, tornando-se referência no contexto onde está inserido.

Os critérios adotados que nortearam o partido do projeto, levando em consideração as condicionantes programáticas, urbanísticas e topográficas, serão apresentados a seguir.

ESTUDO DE INSOLAÇÃO



Foi feito o estudo de insolação em dois períodos do dia, início da manhã e meio da tarde, nos meses de março, junho, setembro e dezembro. Observa-se que a vegetação já existente forma uma barreira para a incidência solar em ambos os períodos. Porém, apesar disso, serão adotadas soluções para que seja atingido um conforto térmico na edificação.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Paisagem: "Conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar."

Cidade: "A vida urbana."

Museu: "Instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico etc."

Memória: "Reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente."

O QUE É?

A intervenção proposta consiste na implantação de um museu com a temática principal sendo a paisagem da cidade de Criciúma.

O QUE POSSUI?

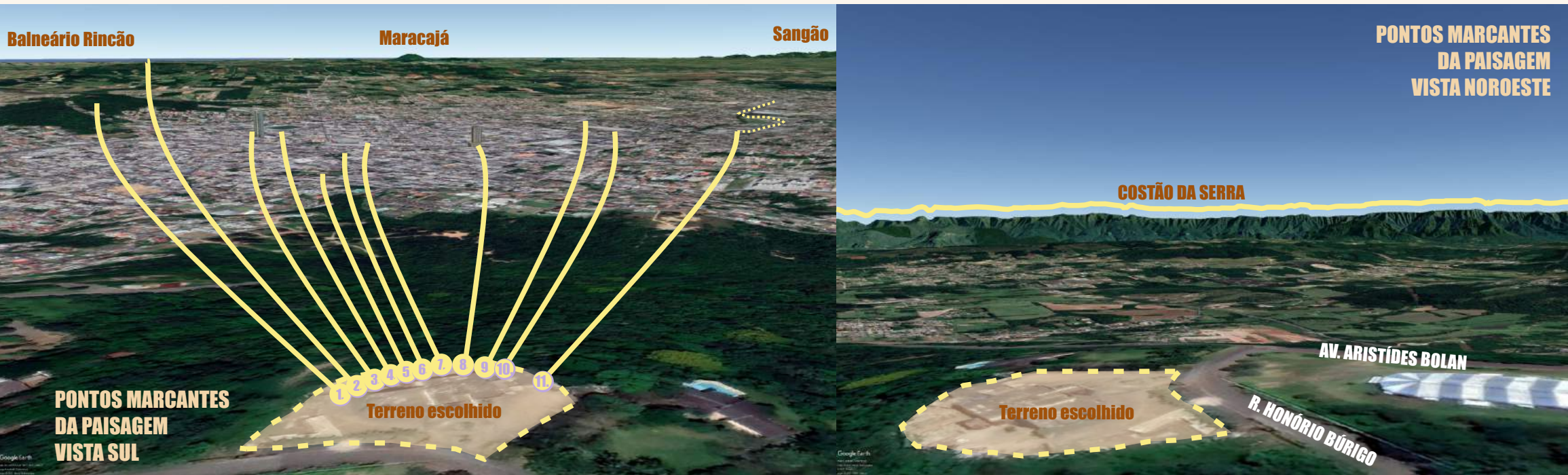
A edificação terá como principal atrativo a exposição permanente, mas também contará com espaço para exposições temporárias, café, loja, terraço com vista para a cidade, espaços de descanso, ateliês, miateca, sala multiuso e um Mirante.

QUAIS OS USUÁRIOS?

Pretende atingir a população de Criciúma e região, contemplando todas as faixas etárias.

CONCEITOS E DIRETRIZES

- Projetar um Museu que corresponda aos conceitos estudados no referencial teórico na etapa de TFG I;
- Trazar conforto e segurança para o pedestre e visitante do Museu;
Ação: Criação de espaços de permanência para pedestres que estão visitando o Museu ou apenas passando no entorno, fazendo uma conexão com a edificação e trazendo um diferencial para a área.
- Valorizar os eixos visuais que o terreno proporciona;
Ação: Incorporação do Mirante como parte do programa de necessidades do Museu, proporcionando a visão panorâmica da cidade;
Utilização do terraço como espaço de descanso e contemplação da paisagem;
Apropriação dos visuais como forma de atrativo no percurso do Museu.
- Utilizar do espaço do Museu para conscientizar a população de questões ambientais;
Ação: Elaboração, junto a órgãos públicos, de palestras e oficinas de conscientização da fauna e flora local, para comporem a programação do Museu;
- Utilizar de recursos arquitetônicos sustentáveis a fim de reduzir o impacto ambiental e dar sentido à escolha do terreno.



- Morro do Céu
- Oceano Atlântico
- Edifício Lucio Cavalier
- Estádio Heriberto Hulse
- Praça do Congresso
- Praça Nereu Ramos e Catedral São José

- Terminal Central
- Antigo Crisul Hotel
- Paróquia Santa Bárbara
- Supermercado Giassi
- Ponto da Av. Centenário que forma uma espécie de "rato"

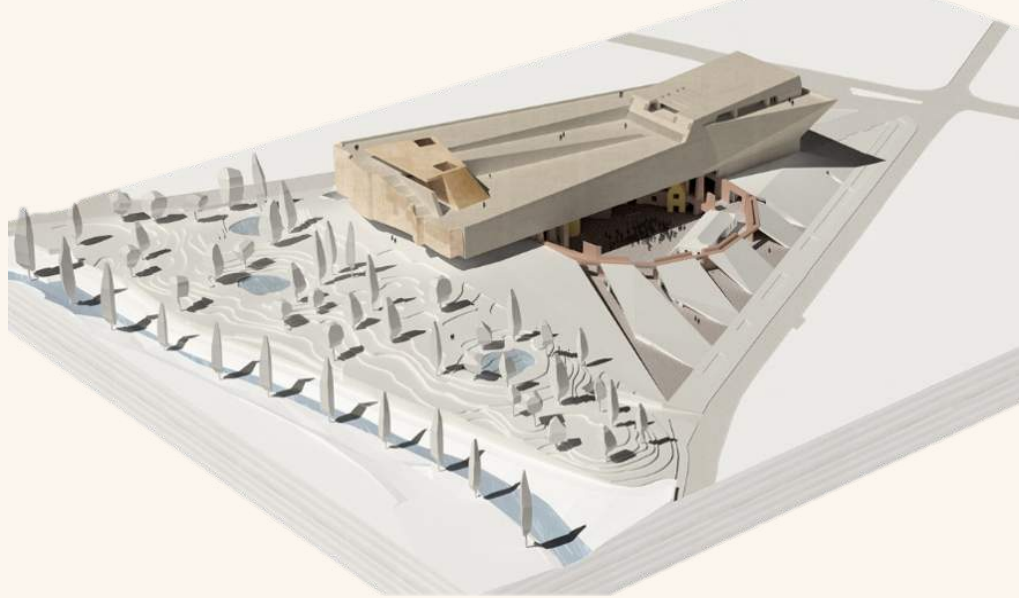
REFERENCIAIS DE PROJETO: MUSEU DO CHIPRE

Projeto de Kalliope Kontozoglou Arquitetos, buscaram referência em uma escultura de esfinge, originalmente encontrada no Chipre e que atualmente está exposta no Museu do Louvre.

Os arquitetos propuseram um museu "multidimensional", que procura se adaptar a topografia de Nicósia, fundindo com o tecido urbano da cidade. Os espaços públicos se entrelaçam com as áreas expositivas do museu, construindo uma sequência de paisagens, chamadas "paisagens narrativas". Forma-se um diálogo direto entre os visitantes, a paisagem e a herança cultural de Chipre.

Os espaços abertos do museu se conectam com o tecido urbano da cidade através dos chamando "tentáculos paisagísticos", que seriam uma série de rampas que dão acesso aos jardins e ao rio.

Projeto: Novo Museu Arqueológico do Chipre
Arquitetos: Kalliope Kontozoglou Arquitetos;
Data: 2017;
Local: Nicósia, Chipre;
Status do projeto: Projeto em concurso;
Contratante: Departamento de Trabalhos Públicos do Chipre.



FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO

Tanto no seu exterior, como internamente, a obra se destaca por seu contraste entre curvas e retas, com corredores e rampas, simetria e assimetria, criando um diálogo entre a arte e a natureza.

A obra vai muito além dos seus limites. A preocupação com o fator ambiental foi um dos desafios que enfrentou Siza na elaboração do projeto. Verticalizado sobre um terreno estreito, entre águas e pedras, o arquiteto soube aproveitar o espaço, preservando a natureza imediata, e adota sistemas estruturais inovadores para garantir a preservação do meio ambiente.

A fachada principal, com sua característica contrastante entre linhas retas e curvas, foi um dos pontos em que o projeto foi usado como referencial arquitetônico. O uso do concreto branco como materialidade foi outro ponto importante, uma vez que essa cor foi atingida com a mistura de pedras brancas do rio vizinho, trazendo uma aproximação com o local de implantação.

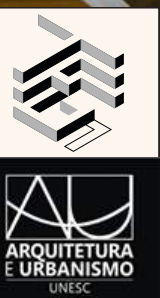
Mesmo não sendo o tema da Fundação, criaram-se aberturas voltadas para pontos estratégicos da paisagem urbana, formando um espécie de molduras para obras de artes em uma galeria.

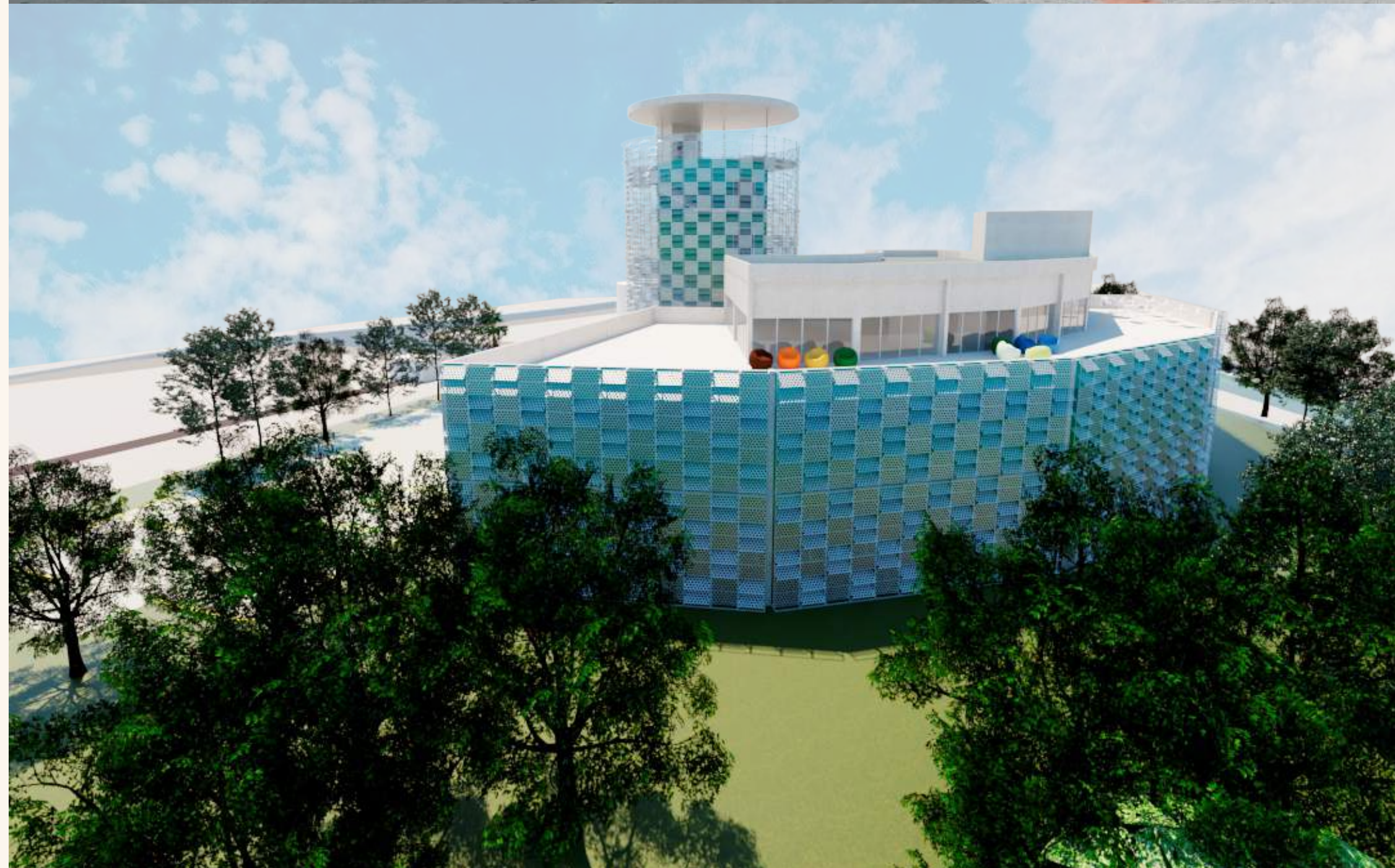
Projeto: Fundação Iberê Camargo;
Arquitetos: Alvaro Siza;
Data: 2003;

Local: Porto Alegre, Brasil;
Tipo de projeto: Cultural;



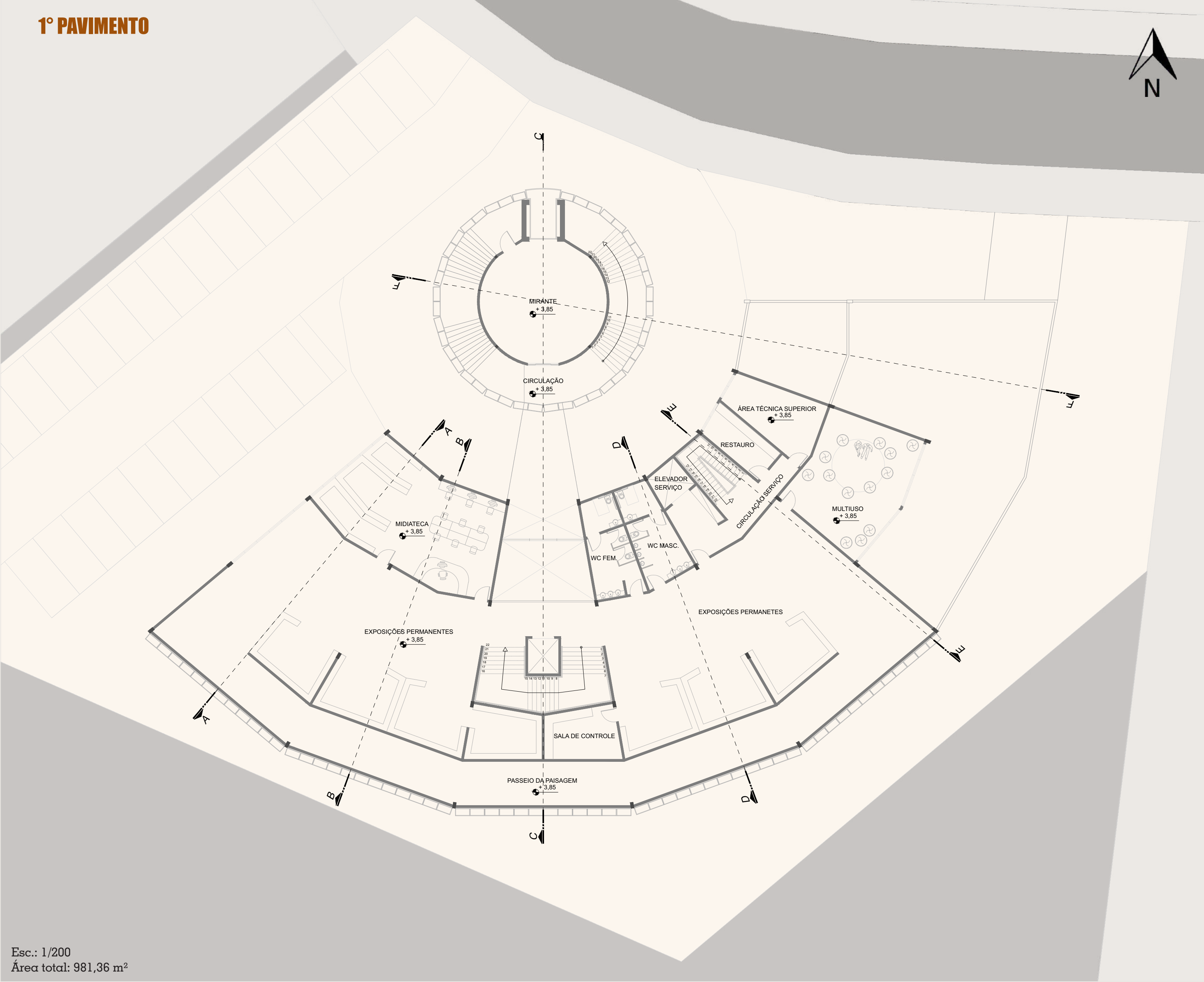
Universidade do Extremo Sul Catarinense
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação - TFG II
Semestre: 2021/2
Orientador: Pedro Luiz Kesterling
Acadêmica: Gabriela Machado Nicoladeli





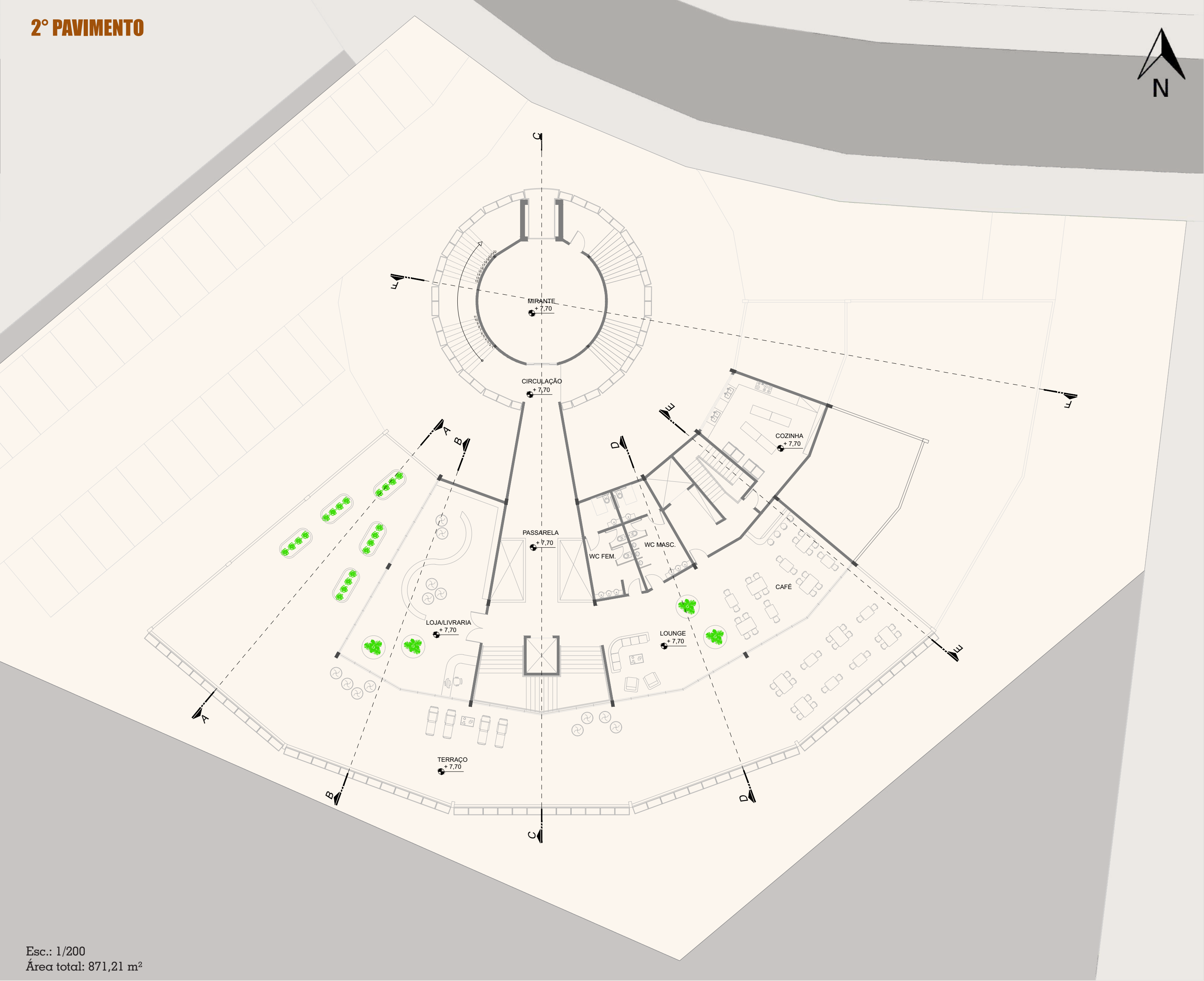
6/9 PLANTA BAIXA 1° E 2° PAVIMENTO

1° PAVIMENTO



Esc.: 1/200
Área total: 981,36 m²

2° PAVIMENTO



Esc.: 1/200
Área total: 871,21 m²

No primeiro pavimento, logo que o visitante chega no andar, ele já é direcionado a iniciar o percurso da exposição permanente. A área de exposição é ampla e com poucas divisões, o que acaba sendo a função do mobiliário de criar ambientes menores de acordo com o tema que está sendo tratado. Como o tema do Museu é a paisagem de Criciúma, essas “salas” temáticas podem tratar da história de Criciúma, dos diferentes tipos de paisagem, dos impactos ambientais causados pelo descaso com a natureza, das mudanças na paisagem da cidade ao longo dos anos, até chegar no denominado Passeio da Paisagem. O Passeio, foi pensado no partido do projeto, e foi condicionante para várias decisões tomadas. A ideia era que o visitante do museu fosse surpreendido com pequenas aberturas na fachada, uma espécie de lupa, em que pontos diferentes da paisagem estariam sendo marcadas ali. Como se trata de um museu, esses pontos estariam sendo explicados de acordo com a sua importância história e social para a cidade. O brise, posicionado em toda a fachada Sul, além de suas funções térmicas, funciona como uma cobertura dessas aberturas, para que não seja revelada a partir do lado externo do Museu, e acabe revelando as surpresas do percurso.

Além da exposição, o pavimento conta com uma midiateca, com mesas de estudo, computadores e um acervo de livros e revistas. A sala multiuso, foi pensada com um mobiliário mais descontraído e flexível, se diferenciando dos ateliês do pavimento inferior. Assim como no térreo, temos os sanitários femininos, masculinos e adaptados, a circulação de serviço, com elevador e escada. Para servir de apoio à exposição, o andar conta com uma sala de restauro e uma área técnica.

No segundo pavimento, último do museu, cria-se uma ligação com o Mirante através de uma passarela. Essa passarela é coberta por uma claraboia, proporcionando uma iluminação zenital. Além disso, possui um detalhe no piso, em que as cores utilizadas são as mesmas que em uma das fachadas do museu e também no próprio mirante, criando uma continuidade e reforçando a identidade visual.

Temos uma loja e livreria, que, no pavimento superior, finalizam o percurso do museu. O lounge foi pensado para ser um ambiente de descanso, ao lado do café. As mesas do mesmo se estendem para o terraço, que também é um espaço de descanso, mas também lazer e contemplação. No setor de serviço, temos a cozinha, complementando o programa do café.

Um detalhe importante é a maneira que foram pensadas as aberturas do Museu. Como o foco é a paisagem e o terreno possui uma visão privilegiada da cidade, a ideia é que a paisagem não seja revelado por completo logo de início. Assim, no térreo, há predominância de cheios, com aberturas mais elevadas, apenas para a entrada de luz e ventilação, e não para estarem na altura do usuário. Porém, se contrapondo a isso, temos a entrada principal, toda em vidro, trazendo uma sensação de transparência e induzindo o visitante a entrar ali. Apesar do grande vazio, o posicionamento em frente ao Mirante faz com que esse elemento não seja revelador da paisagem. Vale ressaltar que por ser uma fachada norte, a incidência solar poderia atrapalhar nessa grande abertura, porém o Mirante acaba barrando essa incidência.

No primeiro pavimento, essa ideia se mantém, porém no próprio percurso do Museu é revelada a paisagem para o espectador, criando vazios estratégicos na fachada. O segundo pavimento, por sua vez, entende-se que a paisagem já foi revelada e agora ela pode ser contemplada livremente. Assim, a maior parte do pavimento é em vidro, além do próprio terraço, que acaba tendo essa função. A conexão com o Mirante nesse pavimento também é estratégica, pois entende-se que o Museu já foi visitado e agora o usuário poderá reconhecer os elementos que viu lá no último pavimento, com uma vista completa da cidade.

Visão do 1° pavimento para a passarela.



Representação do Passeio da Paisagem.



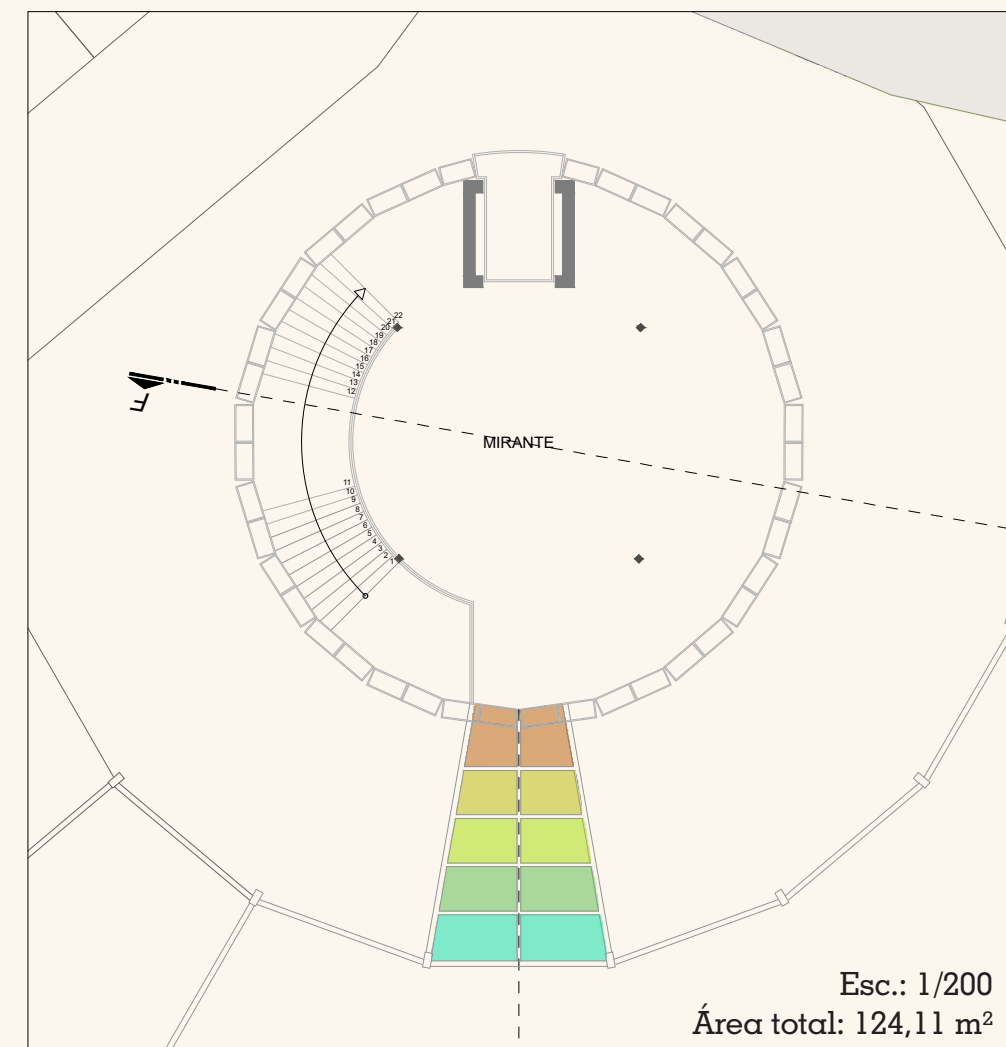
Passarela de conexão entre Museu-Mirante.



Universidade do Extremo Sul Catarinense
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação - TFG II
Semestre: 2021/2
Orientador: Pedro Luiz Kesting
Acadêmica: Gabriela Machado Nicoladeli



PLANTA MIRANTE 5º PAVIMENTO

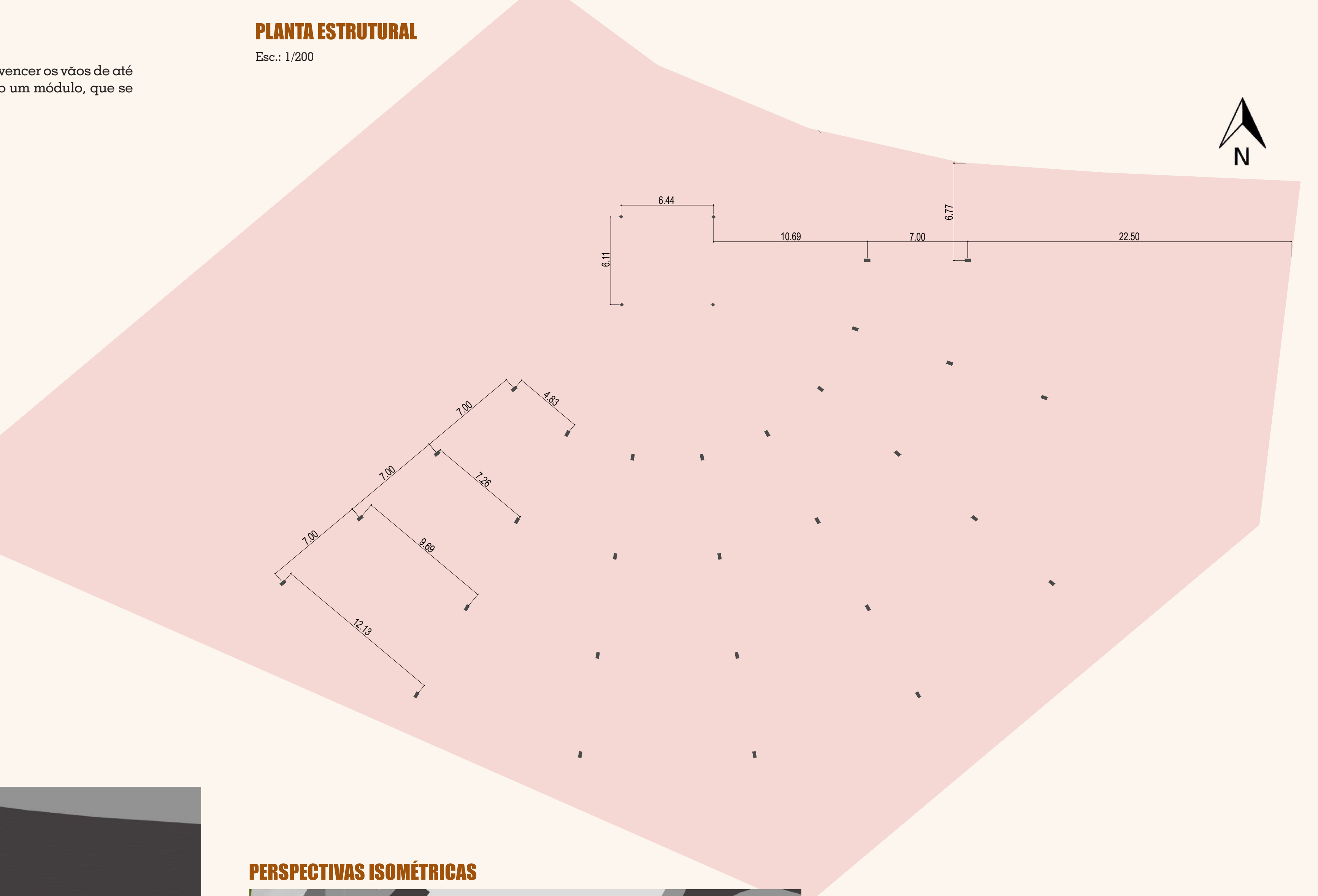


O quinto e último pavimento do Mirante, possui a função observação panorâmica de Criciúma. Sobre a planta estrutural, a solução utilizada no projeto foi a utilização de laje nervurada, para vencer os vãos de até 12 metros, como mostra ao lado. Pelo formato radial do Museu, os pilares são posicionados criando um módulo, que se repete sete vezes na edificação.

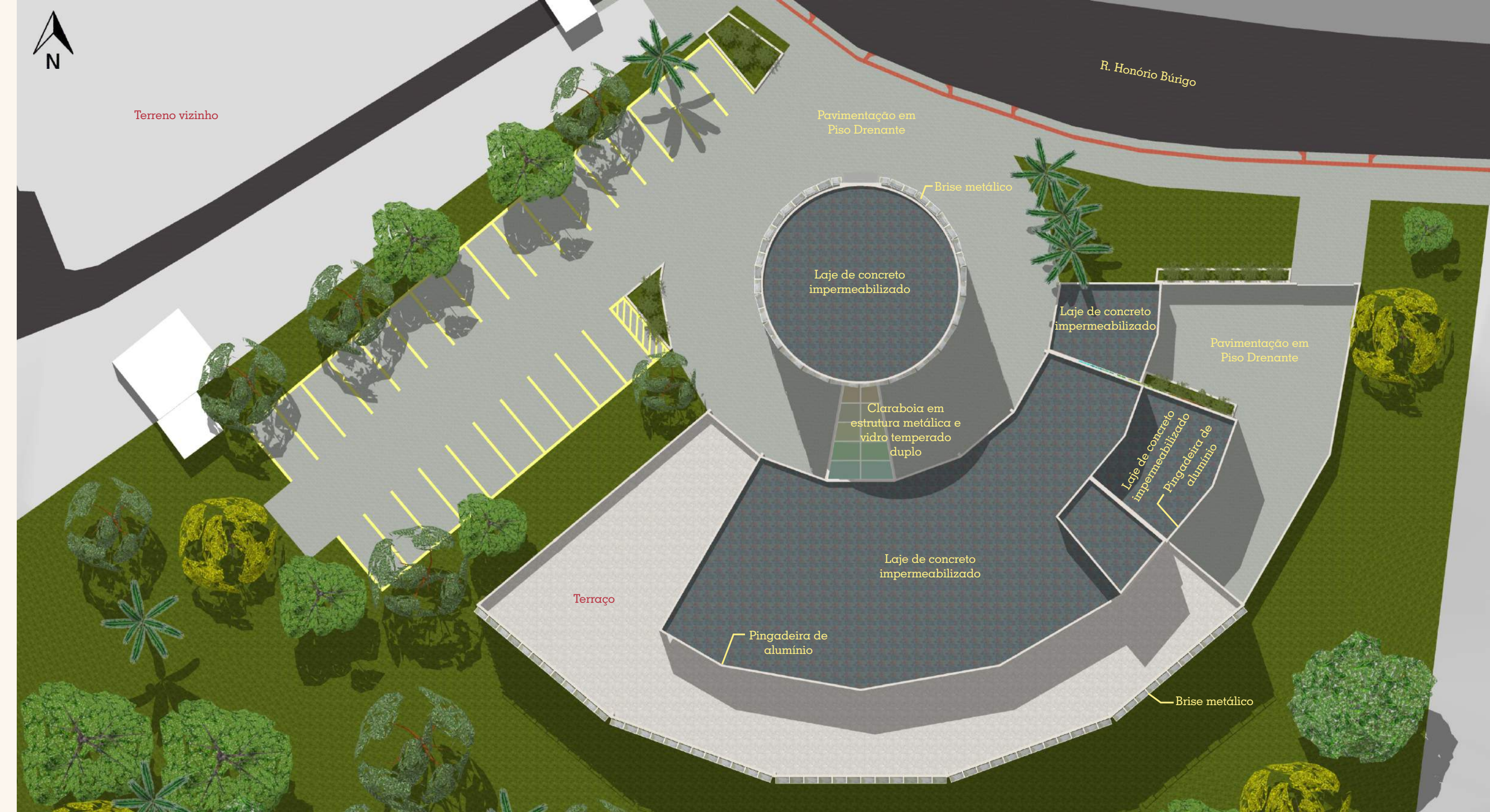


PLANTA ESTRUTURAL

Esc.: 1/200



PLANTA DE COBERTURA

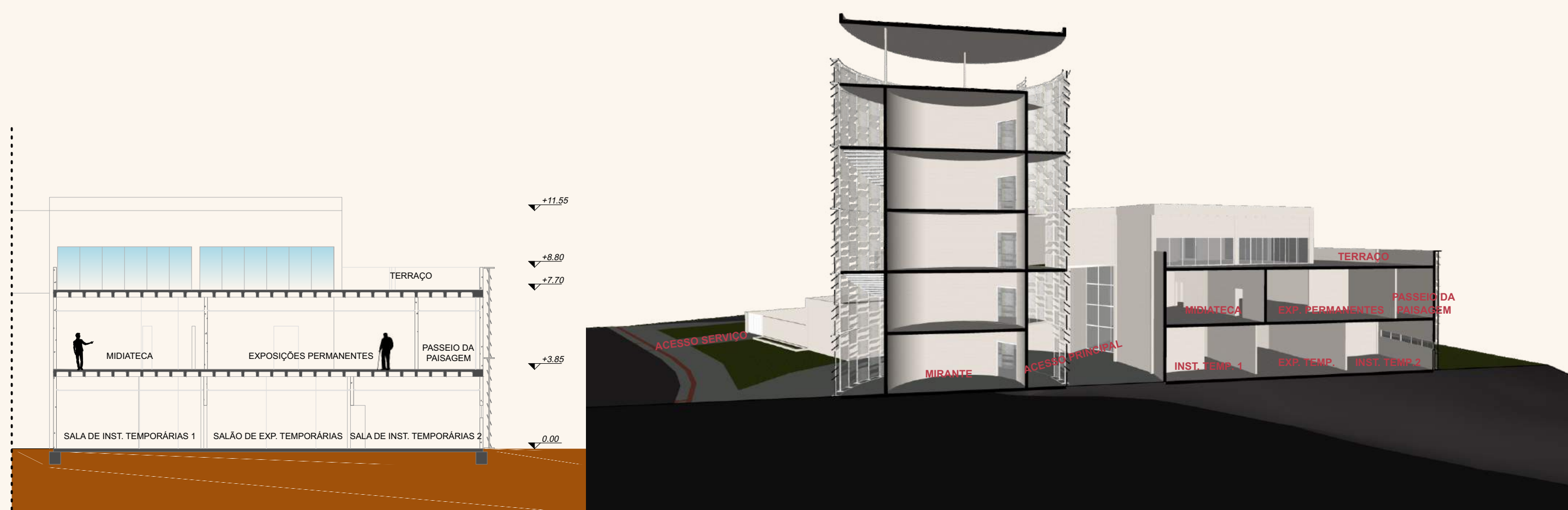


Sem escala definida.

PERSPECTIVAS ISOMÉTRICAS

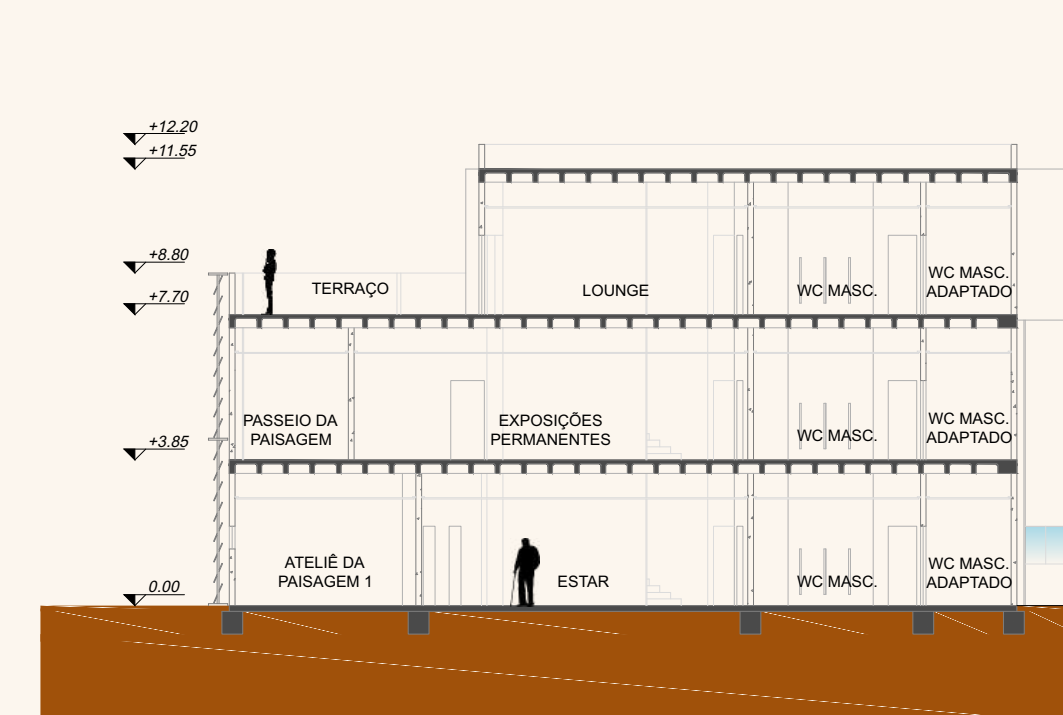


8/9 CORTES



CORTE AA'
Esc.: 1/200

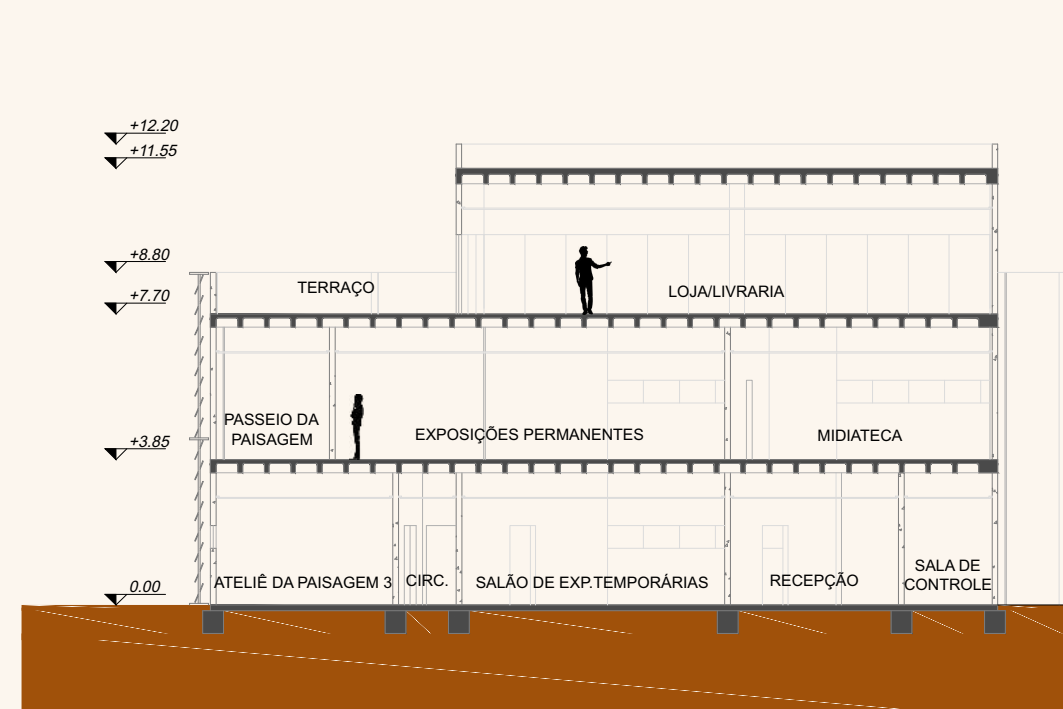
CORTE ESQUEMÁTICO
Sem escala definida.



CORTE DD'
Esc.: 1/200

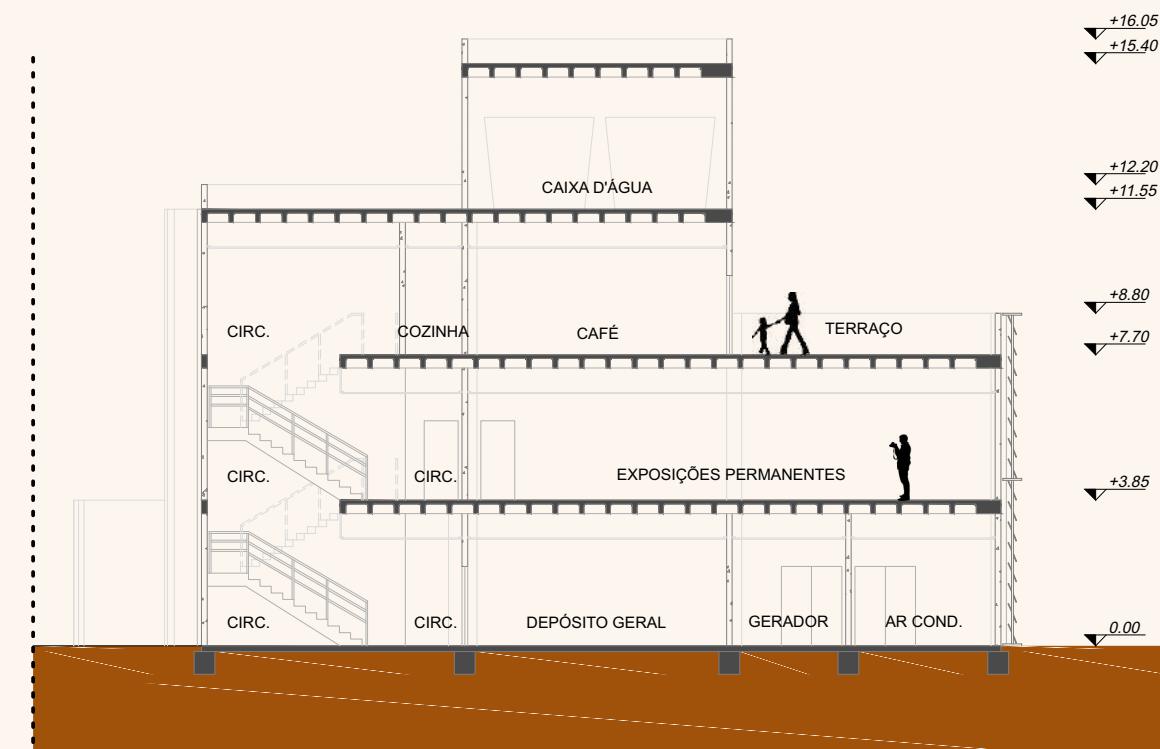


CORTE ESQUEMÁTICO
Sem escala definida.

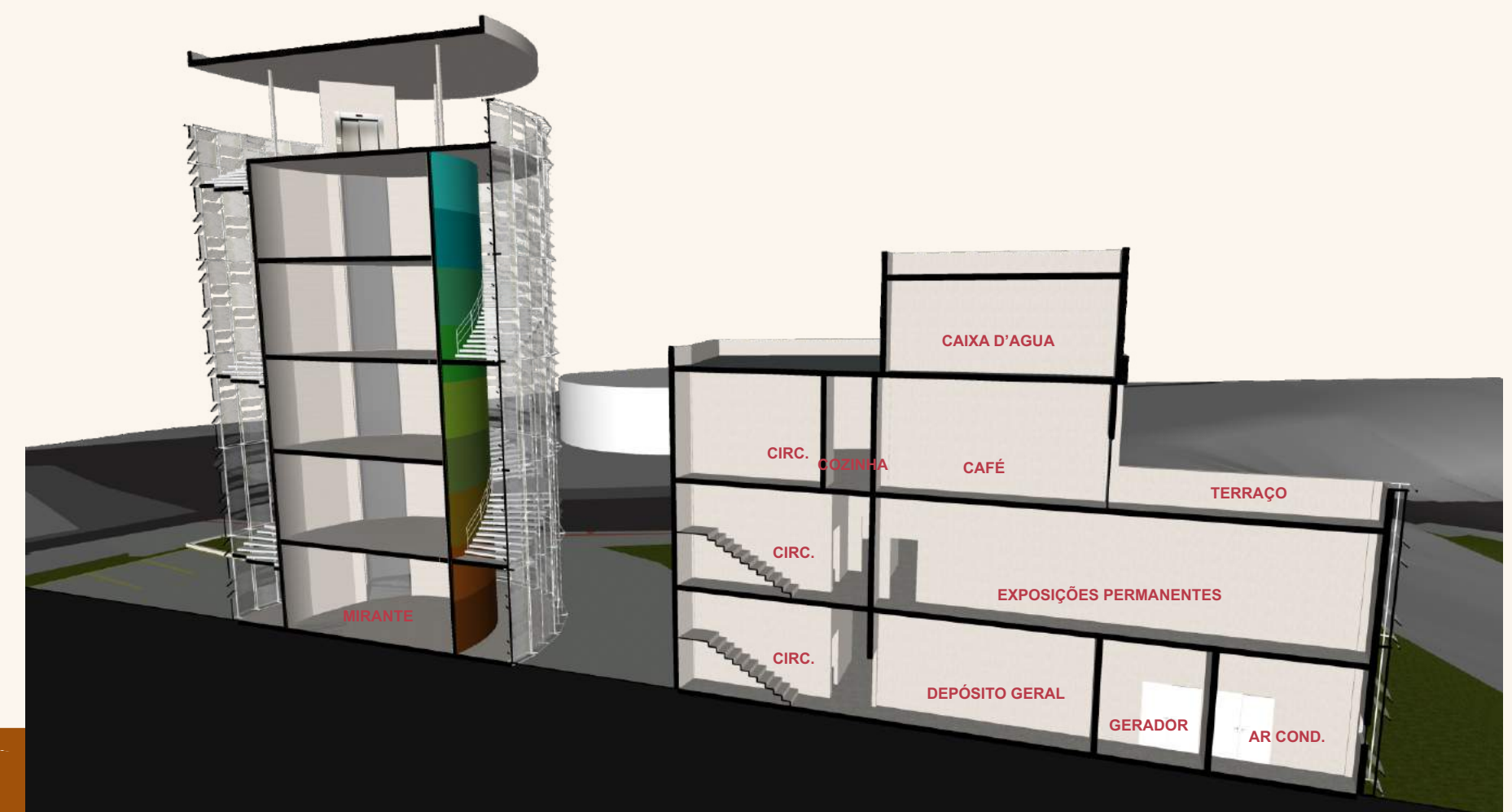


CORTE BB'
Esc.: 1/200

CORTE ESQUEMÁTICO
Sem escala definida.



CORTE EE'
Esc.: 1/200



CORTE ESQUEMÁTICO
Sem escala definida.



CORTE CC'
Esc.: 1/200

CORTE ESQUEMÁTICO
Sem escala definida.

Devido a forma radial do projeto, foram feitos seis cortes, seguindo os diferentes raios, sendo que dois deles se estendem até o Mirante (AA', FF').

Ao lado de cada corte, foi posicionado o corte esquemático de acordo com o desenho em 3D, para melhor entendimento do projeto.

Nos cortes, está representado o sistema estrutural da edificação, em laje nervurada. Nesse sistema, é possível vencer maiores vãos, proporcionando mais liberdade de layout arquitetônico, o que cumpre com as necessidades previstas no Museu. Além disso, foi feito um rebaixo em gesso de 65 cm, para que a parte estrutural e técnica necessária não fique aparente. O pé direito total é de 3,50 m, sendo que com o rebaixo resultou em 2,85 m.

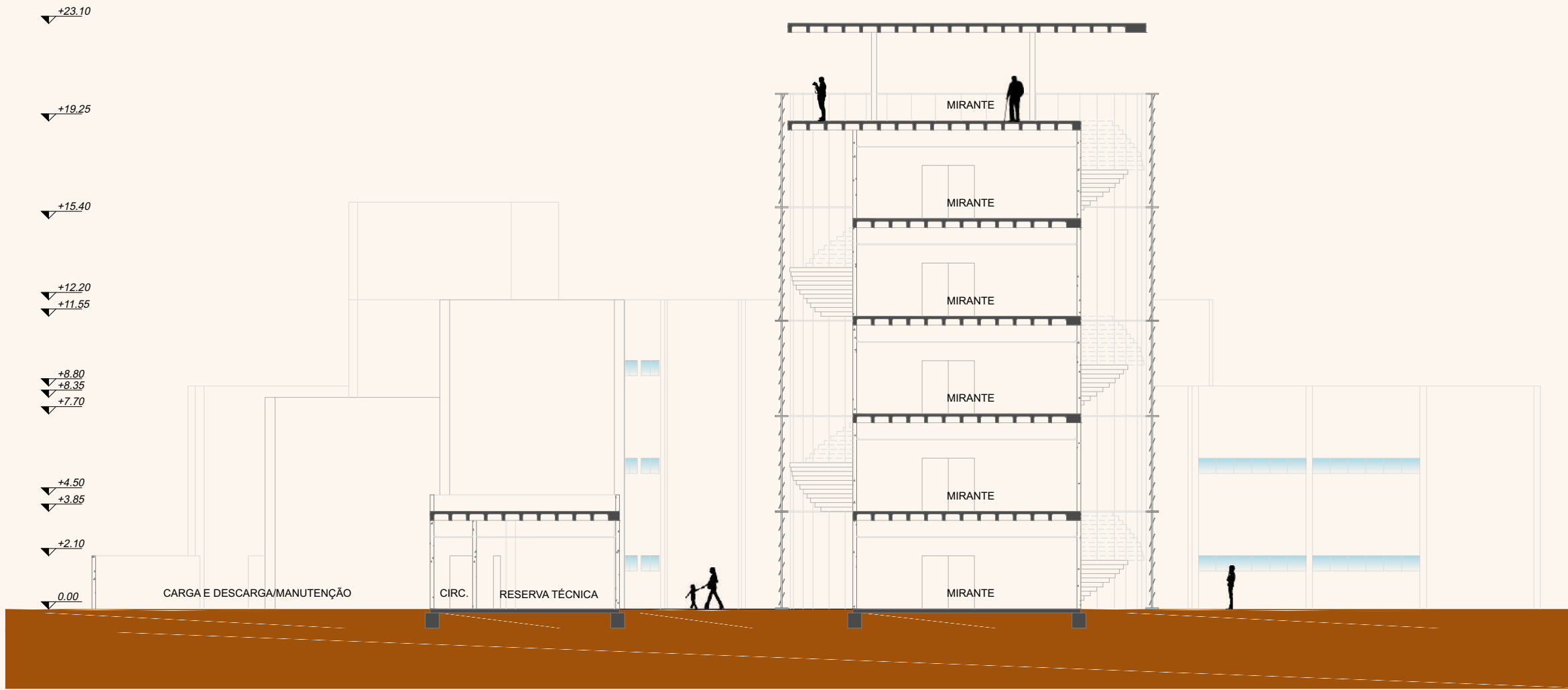
No corte EE', está representado a caixa d'água, que foi dimensionada da seguinte forma:

Área total da edificação: 2878,37 m²; Exigência para edifício comercial: 6 a 10 litros por m²; Total: 17270,22 litros + 3454,04 litros (reserva de incêndio) = 20724,26 litros. Foi então inserida no equipamento duas caixas d'água de 10 mil litros cada.

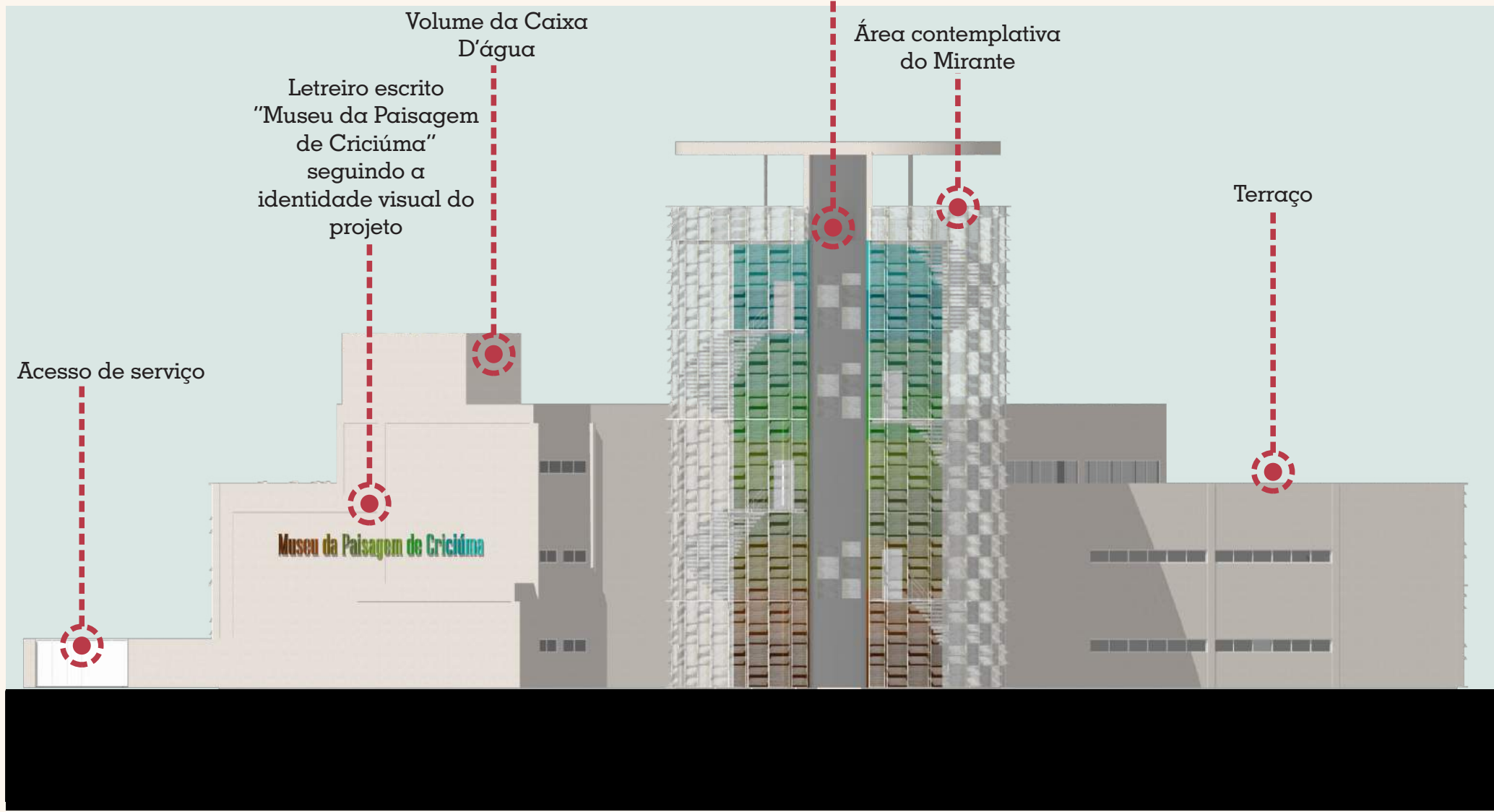
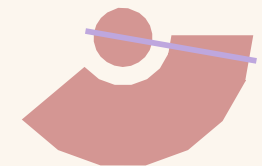
Os elevadores do Museu (principal e de serviço), foram projetados sem casa de máquinas, assim como o elevador panorâmico do Mirante.

9/9

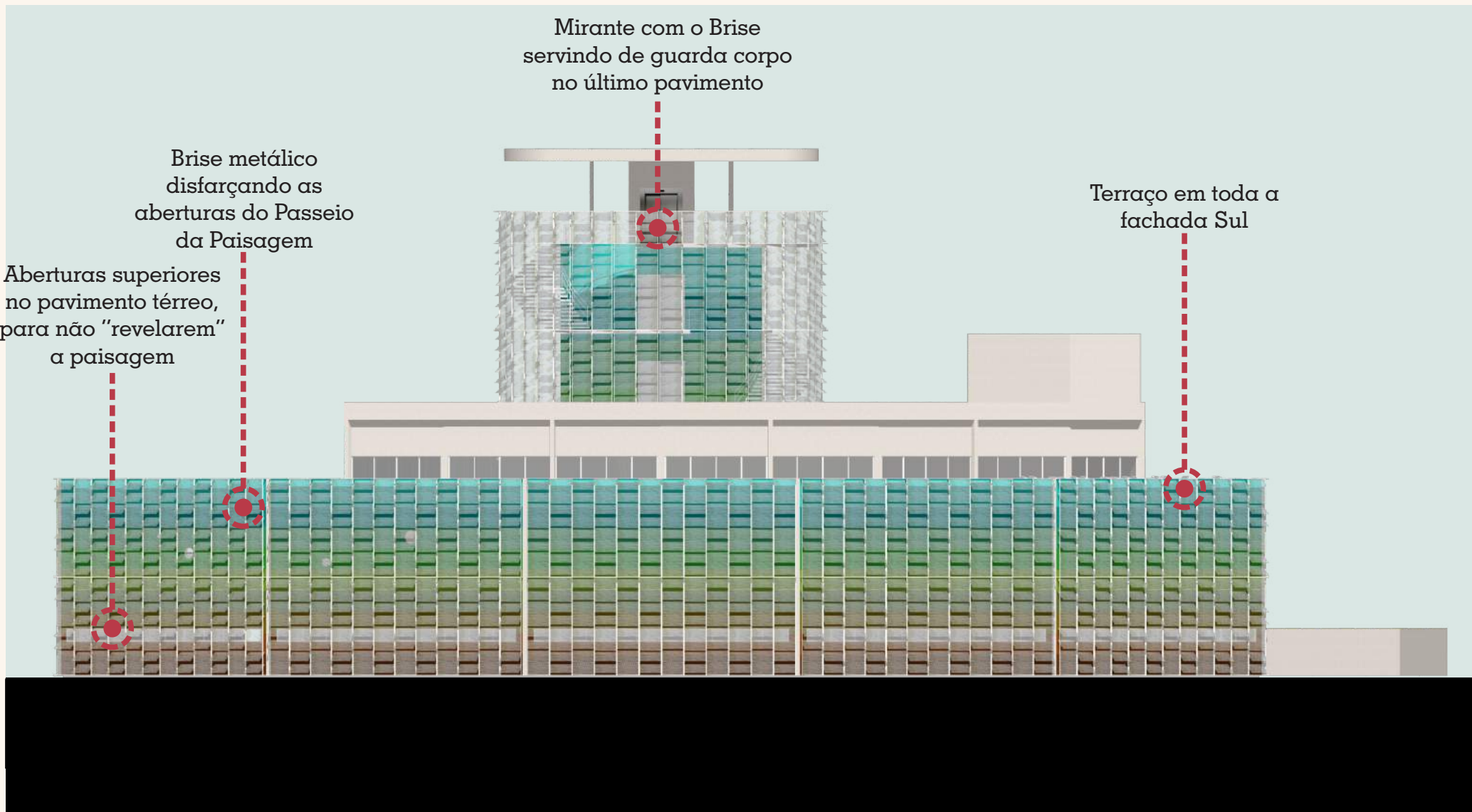
CORTES E FACHADAS



CORTE FF
Esc.: 1/200



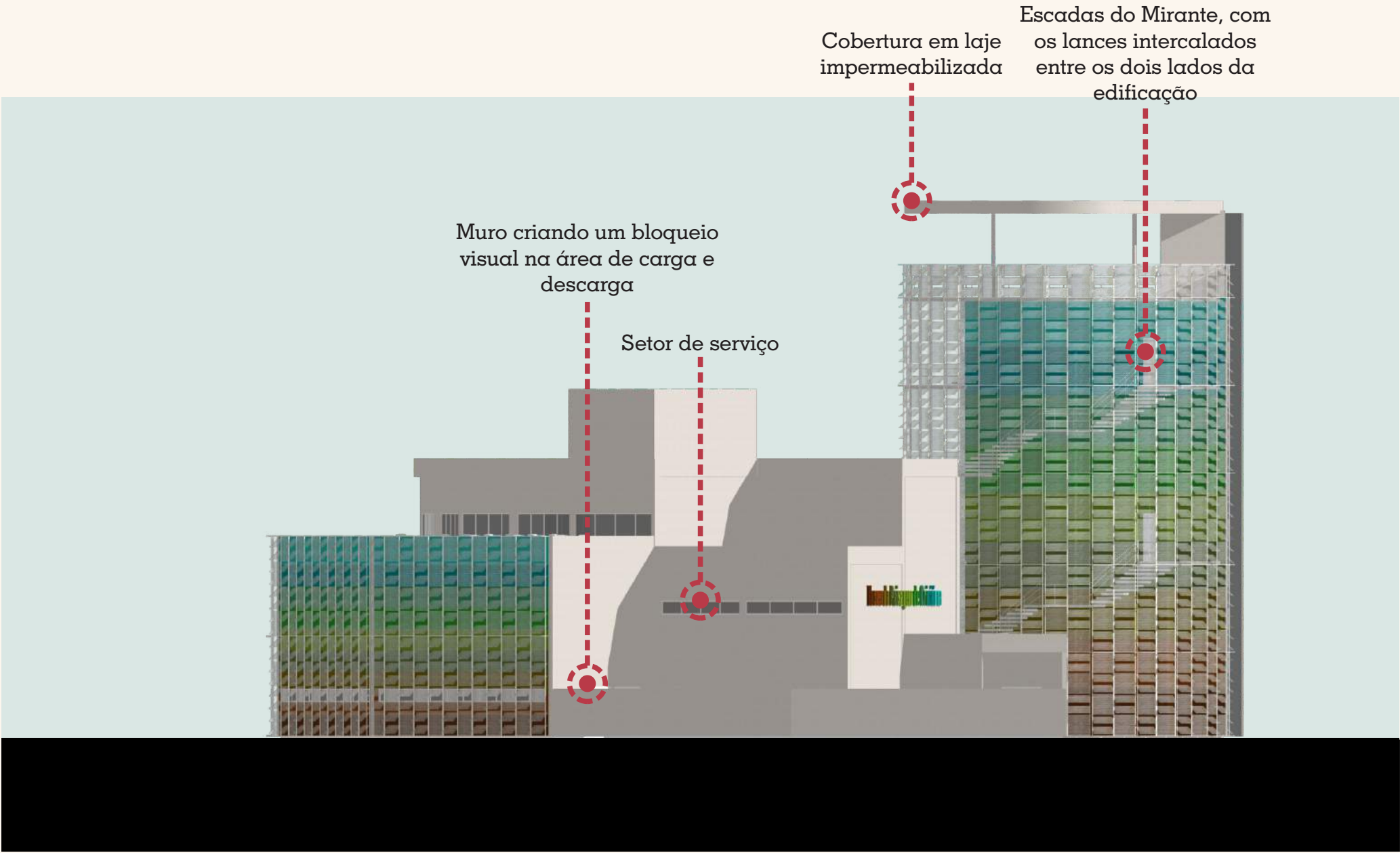
Fachada Norte
Sem escala definida.



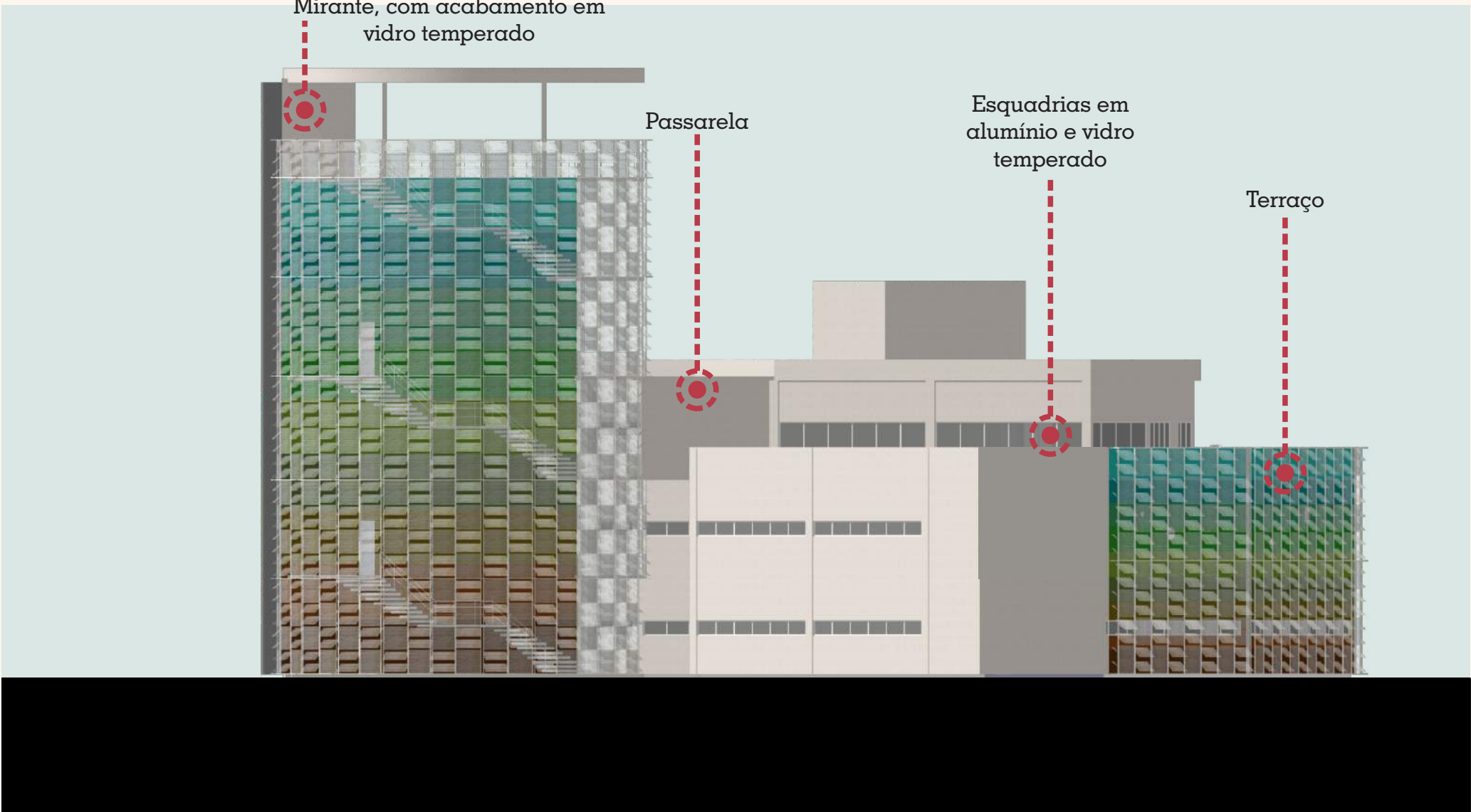
Fachada Sul
Sem escala definida.



CORTE ESQUEMÁTICO
Sem escala definida.



Fachada Leste
Sem escala definida.



Fachada Oeste
Sem escala definida.

MATERIALIDADE

A ideia inicial surgiu com o uso do brise em toda a extensão da fachada Sul. Para proteger as aberturas mas ao mesmo tempo manter uma visibilidade do que está por trás, foi definido o brise em chapas metálicas perfuradas brancas. O branco foi utilizado para trazer uma leveza ao visual e também para potencializar as demais cores do projeto.

A partir disso, foi buscado referenciais para chegar na linguagem arquitetônica a ser utilizada. Pensando na temática do Museu, as cores que remetem à paisagem natural são cores terrosas, de folhas, flores, água, céu, enfim, todos esses elementos da natureza propriamente dita. Por toda a extensão por trás do brise, foi utilizado um degradê de cores indo do marrom, passando por tons de verde ate chegar no azul. Essas cores podem representar diferentes elementos de acordo com quem interpreta, assim como uma exposição artística, por exemplo. Criou-se então um contraste entre as cores, representando a paisagem natural, e o brise metálico branco, representando a paisagem artificial.

Para criar uma conexão visual entre o Museu e o Mirante, o elemento do brise e das cores foi repetido por toda a extensão do mesmo. Nele, além do guarda corpo conforme as normas necessárias, o brise foi usado como mais um elemento de proteção para as escadas, que estão externas ao Mirante.

No restante do Museu, buscou-se um acabamento que ajudasse a destacar as cores utilizadas no projeto mas que ao mesmo tempo não ficasse algo pesado e cansativo. Assim, buscando referências, percebeu-se a utilização do branco em arquiteturas com pontos em destaque coloridos. Resultando então no uso do concreto branco, material utilizado na própria Fundação Iberê Camargo, referencial do Museu.

As cores utilizadas se repetem no letreiro do Museu, na passarela de conexão entre as duas arquiteturas e em detalhes do mobiliário.

Para a pavimentação, foi utilizado em toda a parte externa do térreo o piso drenante Drenaltec - Lixado cinza claro. A escolha se deu pelo fato do piso conseguir atingir uma drenagem superior a 90%, fundamental pela posição do terreno, no topo de morro. Além disso, possui baixa condutividade térmica, pode ser utilizado para trânsito de veículos e possui produtos recicláveis em sua composição.

PALETA DE CORES



PAISAGISMO

Em torno do lote, a vegetação é abundante, sendo uma APA. Atualmente, essa vegetação é delimitada pelo lote, ou seja, ela se mantém no contorno do mesmo. Pensando num avanço natural da vegetação, o Cedro Rosa foi utilizado para essa reintegração. Além disso, na fachada principal, contornando o caminho, foram colocadas palmeiras. Nos canteiros, foram colocados Manaca de Jardim e Calandira (arbustos), ambas nativas brasileiras.

Palmito Juçara (*Euterpe edulis*): É uma espécie ameaçada de extinção, nativa da Mata Atlântica. Árvore frutífera, atraindo a fauna local, sendo uma árvore perene. Palmeira de médio porte, com altura de 8 a 15 metros.

Cedro Rosa (*Cedrela fissilis*): Espécie arbórea com altura de 8 a 35 metros, nativa do Brasil e que está ameaçada de extinção. São muito indicadas para ações de reflorestamento, preservação ambiental, arborização urbana, paisagismos ou plantios domésticos.

